Jornal das Moças

ANNO III — NUM. 60 — 400 RS.

SENHORITA GUGÚ MAGALHÃES — Rio

Nervosismo nas senhoras. Seu tratamento

Resumo de um artigo publicado no jornal «A Noticia» do Rio de Janeiro, pelo conhecido clinico Dr. F. Cardin

Pela fragilidade de sua constituição, acham-se as senhoras frequentemente sujeitas a disturbios nervosos, que se manifestam de modos os mais diversos; desde os simples fogachos até as mais amplas manisfestações hystericas. São as mudanças de caracter e de moral, em que a doente não se occupa mais dos seus affazeres, negligencia os cuidados de sua toilette. Torna-se triste quando não se torna de uma alegria despropositada: inquieta-se com tudo, discute e se axalta por qualquer cousa.

Frequentemente é victima de allucinação, sobre tudo à noite.

As pertubações digestivas surgem muitas vezes, traduzindo-se por falta de appetite, nauseas e vomitos além de salivação abundante, muito desagradavel para o doente.

Um aspecto muito curioso é o que se refere do enfraquecimento consideravel da vontade, traduzindo-se principalmente pelas distracções. Ha perda de memoria.

O tratamento até ha pouco seguido consistia na balneotherapia e na suggestão. Hoje o tratamento medicamentoso adquiriu uma grande importancia, porque ao envez de aurientalo com o fim de attenuar symptomas, procura-se corrigir o estado organico que deu lugar a enfermidade, e que quasi sempre é representado por profundas pertubações nutritivas.

Dahi a necessidade de tonificar o doente, empregando sobre tudo os chamados tonicos nervinos, como o mico, sobre tudo quando associado a bases como o calcio e o ferro que phosphoreto de zinco, ou o que é muito preferivel por ter uma acção muito mais rapida, munto mais intensa, fazendo uzo dos formiatos, pela poderosa acção do acido forainda mais areforçam.

A medicação formica tem ainda a vantagem de já se encontrar prompta no mercado sob a forma de um licor muito facil de tomar pelo o seu gosto agradavel. E' o conhecido Isis-Vitalin, hoje largamente empregado em todos os casos de nervosismo nas senhoras, sempre com os mais surprehendentes resultados.

Se, se pensar ainda, que ao lado da propiedade tonica, pela sua constituição, o Isis-Vitalin possue ainda a de evitar e curar a falta de appetite que tantas vezes acompanha o nervosismo nas senhoras, e que constitue um dos grandes escolhos do seu tratamento, comprehender-se-ha facilmente porque essa medicação, em tão pouco tempo, penetrou e dominou todo o capitulo da therapeutica das doenças nervosas.

Ao lado do tratamento medicamentoso, convem sempre fazer uma cura balneotherapica, consistindo em banhos tepicos diarios, prolongado durante uns vinte minutos a meia hora.

Essa pescripção deve ser observada durante uns dous mezes mais ou menos, substituindo-se no fim de tal prazo o banho quente por duchas frias.

DR. F. CARDIM.

ANNO III — RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1916 — NUM. 60

JORNAL DAS MOÇAS

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS. { ANNO...... Rs. 18$000 / SEMESTRE . » 10$000

Redacção e Administração «AGENCIA COSMOS», Rua da Assembléa 63 — Telephone 5801 Central
Caixa Postal 421
Não serão restituidos originaes enviados á Redacção

CHRONICA

E' morto o bardo!... Silencio!... dil-o entre suspiros um passarinho branco que passa correndo pelo azul...

E' morto o bardo! O ignoto que separa a vida da terra, da vida do céo, elle o poeta amiguinho das flores, o bardo do Sentimento e da Belleza, transpol-o n'um phaeton de ouro e nacar tirado por um enxame alado de abelhas de azas de prata... Morreu durante a agonia gloriosa de um crepusculo, como só morre um passarinho ou como só morre um Deus. Na terra por onde passara cantando, na apostolisação ideal da Virtude, a sua vida fôra um hymno de piedade dos pequeninos e pelos soffredores.

E elle cantara e sorrira e soffrêra...

Na modulação evocadora dos sons; no palpitar de sua alma de crystal, vibratil como as cordas de um violino e terna como uma caricia de mãe; nas ancias de uma grande, immortal inspiração; nos anceios de querer galgar os páramos e de adejar no infinito, n'um mundo desconhecido povoado de Fórmas e aspirando o perfume olympico de flores de ouro, elle erguera-se acima dos outros homens e divinisara-se.

Tivera a agonia sagrada de um Deus. Morrera entre nuvens de suavissimos perfumes, vendo e revendo figuras brancas de mysticismo com olhos de estrellas e cabellos de ouro que sorriam e que cantavam pairando no espaço, ora alteando-se, ora descendo n'um agitar semi-visivel de azas que aflavam como o sopro odorioso de mil leques... E o sorriso que tinham nos labios era o sorriso de uma fada; e o hymno que cantavam era um hymno de gloria. E vozes inhumanas, celestiaes, amoraveis, doce como o descante de um anjo, perfumosas como o halito de uma flor do céo, acariciantes como labios de arminho, pairavam, adejando no espaço, roçagando-lhe os ouvidos no murmurio de divina canção; e adquirindo fórmas, corporificando-se, vinham bailar ante a retina exhausta de visionarismo do bardo. E dois anjos pequeninos de azas azues iam cerrando vagarosamente, insensivelmente, somnolentamente as palpebras do poeta...

Do Alto, desciam subtilisações musicaes divinamente doces, semelhantes a um canto de coro entoado por monjas, n'uma cathedral do céo. E o canto muito distante, vinha-se approximando a pouco e pouco dentro de nevoas da cor do sol que baixavam...

Eram sonoridades de harpas e de alaudes, vibratilisações de instrumentos celestes que gemiam e que solucavam tangidos por mãos invisiveis de seraphins e que, como no adejamento de um beija-flor de prata, ficavam pairando no ar impregnado de nuvens emanadas de thurybulos sagrados. No impreciso d'aquelle sonho supramente bello, foram a pouco e pouco debuchando-se fórmas vagas, indecisas, espumadas n'uma irisação transparente de via-lactea entre scintillos e rutilos de pedras cambiantes. E lentas as fórmas se iam precisando... Como olhavam!... Como sorriam...

N'um assomo de genio o bardo quiz tanger uma derradeira vez a lyra na esperança de uma derradeira e immortal concepção. Mas a sua lyra já não vibra, já não tange...

...E como n'um bailado de harem, as formas vão e vem, approximam-se e affastam-se, agitando por sobre as cabeças encantadoras véos polychromos de gaze, que fluctuavam, que esvoaçavam doidamente. Uma forma, a mais branca e a mais bella destaca-se do grupo e approxima-se do poeta... Na testa reluz um diadema de estrellas. Chega-se ao bardo e toca-o com as pontas do longo véo. Ella falla-lhe. A sua voz é uma musica divina. Da sua bocca cahem petalas soltas, cahem flores...

— Poeta, da-me a tua alma?

Do céo constellado em plena luz divina cahem, em apotheose, flores azues, flores amarellas, flores vermelhas...

Os sons vibram suavissimos, enternecidissimos... O bardo não pode fallar: mas accede, sorrindo. Então a visão estende as mãos e toma em seus braços, depois no seu collo a alma do poeta... E então as formas, sempre sorrindo e sempre cantando vão se affastando para o Azul...

SYLVIO PEREIRA.

VISÃO

A' D...

Manhã cinzenta e pesada d'inverno.

De um carro, nessa manhã, lépida te apeias. Toda a tua fórma de mulher, de tão linda, de tão perfeita, põe claridades de sol nas brumas tediosas do Dia; toda a tua Fórma perturba-me, céga-me, deslumbra-me !

Phidias te mataria, ó divina Mulher ! se acaso Phidias não conseguisse a gloria de teu Corpo esculpida no Corpo de uma Estatua !

Nas tuas veias estua o sangue de duas raças sonhadoras : — a brasileira e a italiana.

Eis porque teus esses olhos negros e grandes, e essa bocca vermelha e linda da Brasileira.

Eis porque tens a epiderme com os tons suaves da porcellana e as mãos esguias e cariciosas da Filha do Adriatico !

Saltas, lépida, do carro...

Será Venus resurrecta ? Uma nympha que s'escapa ?...

Vês-me. Baloiças a formosa cabeça numa saudação que me diriges — e é tão promissor o teu sorriso e o teu olhar é tão suave, que eu me sinto, subito, capaz d'enfrentar todas as Chammas, para que os teus olhos e a tua Bocca falem mais perto de mim. .

Ah ! formosa Criatura, — saudade do meu Passado, magua do meu Presente, — com que prodigalidade compensas a minha Saudade, a minha Magua : o teu gesto de saudação, o teu sorriso e o teu olhar annullaram-me o Tédio, que era a Morte, para criar-me o Sonho, que é a Vida !...

Rio, 24—6—916.

OCTAVIO D'AZEVEDO.

Contrastes

A' Minha noiva HILDA PAULA LEITE.

Era morto o sol ; nuvens negras como torres colossaes voavam no espaço sem destino. Livido o relampago de quando em quando clareava os valles longiquos já tomado pela noite. O vento em ancias de gigante passava olulando funebremente, vergando os galhos vigorosos. Por fim o trovão rolou longamente pelo espaço vespertino nas grotas como um écco immenso. Grossos pingos começavam a cahir e mais rapida desabou totalmente a tempestade. O trovão de quando em quando com sua voz potente ribomba no espaço, estallos formidaveis nos valles e um estampido, subito linguas de fogo no espaço ; é a queda de um raio. Pouco a pouco a chuva passou, a trovoada gemeu ainda por longo tempo; os rios saidos fóra do curso natural, alargavam e devastavam tudo o que encontravam nos seus cursos ; as aves sahiram fóra dos ninhos e cantavam hozanas. Sentil-o o sol appareceu de novo, brilharam as aguas tremulas dos rios, as gottas suspensas dos galhos verdes das arvores reflectiram as cores da bonança. Paz serena sobre a terra. Assim é minha noiva : quando estás a meu lado é como o dia alegre e cheio de sol, quando partes e te auzentas de mim é como a noite tempestuosa que acabo de descrever-te.

TIDINHA.

UM CONTO

Conheci um menino por nome José. Este menino não gostava de estudos, differente de mim pois que nos livros se encontra a verdade e desenvolvendo as nossas ideias, sendo elles os nossos verdadeiros amigos.

Um dia quando se deitou a dormir, sonhou que lhe appareceu uma visão e que esta lhe fallou : dizendo, quando menos esperares te acontecerà o que não pensas, em vista de não pegares em livros.

Dias depois elle foi bem distante da cidade e no caminho encontrou uma mulher horrorosamente feia ! era uma cigana e bem malvada,convidou-o para seguil-a e caso elle denunciasse asseverou que matava, este amedontrado disse : seguirei.

Quando chegaram estes a uma barraca ella deu um signal que appareceram de um momento para outro centanas de ciganos salteadores, elles todos sentenciaram ao menino que este ia ser morto mas deste que trazia comsigo um saquinho com libras de ouro apresentou mas elles não ficaram satisfeitos e disseram : Aprompta-te que amanhã a estas horas serás morto. Elle deitou-se mais triste do que nunca.

José nunca tinha rezado, porém quando foi para a cama, que lhe deram, ajoelhou-se e fez o signal da cruz pedindo a virgem Maria que lhe salvasse para elle poder se atirar aos braços de seus paes, que então promettia ser um crhistão verdadeiro e um filho modelo e assim escapou-se das mãos dos bandidos.

Pois a meia noite em ponto appareceu-lhe uma visão Divina á que lhe fallou segue o caminho de tua casa que eu te acompanho.

LUCIA MARTINS.
(11 annos)

Mystica

A' gentil Fraulein M. M. S.
(Botafogo)

Foi hontem á noite que passando sob a sua janella, Fraulein, pensei ter ante meus olhos maravilhados uma figura sobrenatural

Já considero-me feliz quando posso vel-a de longe desde que a sua severidade tirame todo o animo para qualquer «démarche», mas hontem, simultaneamente quedei-me extasiado em muda e sincera adoração e senti uma dor aguda lacerar-me o peito : oh! vel-a assim tão linda e não poder ao menos dizer-lhe aquella grande, santa e doce palavra que enche-me o coração !

A Fraulein é sempre encantadora, aquella hora porém, estava divina ! Vi-a com o rosto apoiado às mãos postas, voltadas para o azul constellado de ouro do ether esses seus olhos tão scismadores e profundos; os labios lindos que tantos sonhos têm inspirado, esboçavam um sorriso todo celestial...

Ah ! Fraulein ! Quem a visse assim tão formosa nessa noite de encantado plenilunio, não saberia à quem mais olhar e admirar, si a lua bella, si a sua meiga e deliciosa figurinha ! ...

Não se lhe via a cor do vestido occulto sob o manto regio da basta cabelleira ondulada, escura e pontilhada de luz, tal qual a abobada celeste. Porque a soltára ? ...

Talvez por ter consciencia da sua formosura, da sua poesia e fascinação...

E que pensamentos brandos ou tumultuosos encheriam aquella cabecinha tão encantadoramente hespanhola ? ... Talvez a guerra ? ... Talvez aquelle Imperador que divisou-se só com a sua amizade ?... Ou quem sabe, inspirava-se para alguma poesia amorosa, terna, dolente... porque sei bem que quando faz versos deixa de ser Gamine para ser triste...

Disse uma grande pensadora que um caracter alegre encobre quasi sempre uma alma triste...

Será melancolica a Fraulein ?...

Entretanto não comprehende esta enorme tristeza, este incomparavel desespero de se amar sem ser amado...

Fitei mais uma vez o mimoso rostinho andaluz sobre o qual os raios de Jacy cahiam perpendicularmente numa caricia mystica... E devo resignar-me á adorar infinitamente sem ter ao menos o lenitivo de uma illusão ou de uma esperança !...

ICH.

::::::::

Reminiscencias...

As vezes curvo a fronte sobre o peito e quedo-me a scismar na minh'alma enlutada pela saudade que lentamente dilacera as fibras do meu martyr coração !

— Oh ! não tenho expressão para difinir a dor infinda e pungente que me persegue...

Saudade, triste palavra que só exprime a magôa de, uma recordação !...

Meu Deus quanto sinto neste momento a angustia sem par que esta palavra traduz !

Saudade, envolves-me em teu negro manto, desfazes sem piedade os meus mais lindos e roseos sonhos !...

Enegreces o horisonte de minha vida que divisei tão limpido !

Coroas a minha fronte de tristezas e fazes o mundo tornar-se para mim um espaçoso ambiente de continuo soffrimento !...

Nem o esquecimento que tanto poder tem sobre o impossivel consegue afastarte de mim, envenenas-me a alma !

E' indifferente para mim o mundo; o meu coração soluça na orphandade do amor, pois a descrença arrebatou-lhe as unicas esperanças de um futuro risonho ! !...

Procuro a solidão para esquecer a dor que me crucia a alma em dolorosas reminiscencias ! !

Mas em vão ! pois quanto mais entrego-me a solidão mais e mais atordoam-me as sombras do passado trazendo-me a cruel saudade !

CAENLI.

Realengo, 15—7—916.

CHARADAS

2.º torneio

PREMIOS: As senhoritas collocadas em 1.º e 2.º logares e ao cavalheiro collocado em primeiro logar.

Diccionarios J. I. Roquete e Simões da Fonseca.

PRASOS: 10 dias para esta Capital; 20 dias para os Estados do Rio, Minas e São Paulo e 30 dias para os demais Estados.

LOGOGRIPHOS: 4 conceitos parciaes, no minimo e 20 letras, no maximo.

ESPECIE DE PROBLEMAS: os que são adoptados no Luzo Brazileiro.

PROBLEMAS NS. 1 A 12

Charadas aux ares.

— lin.
— mira } mulheres
— via
— lice

Conceito: mulher.

CLIO.

Velha — parochiano
Tinho — mesquinho
Nejo — gerencia
Conceito, gentis collegas, pergnntai ao redactor.

GAROTA NOVICIA

Charadas novissimas.

2—2 Muitas vezes lastimo o homem.
(Espirito Santo) VERDA STELO

2—1 Deus, te salve! foi o som que se ouviu na cabana quando tocaram na flauta pastoral.
(Bahia) MLLE. ANASALAC

1—1—1 A criminosa tinha na musica e na alliança o nome de um Estado.
SINGELLA

1—2 Tem idolatria a divindade pelo modelo.
(Nictheroy) AS TRES GRAÇAS

Charadas casaes.
Elle—Sou barulhento e bem ligeiro
Ella—Sou maviosa e cantora das selvas
NEMRAC LADIA

A MERCÉS

2—O homem entrou na egreja.
CECY

2—E' um ponto negro o numero quatro
(Pinda) MYSTERIOSA

2—E' nesta ilha que se uza medida de pau.
CHRYSANTHEME D'OR

2—Tenho o encargo de uzar este uniforme.
CHLORIS

2—Na sebe de espinhos canta o poeta.
COLIBRI

PROBLEMAS NS. 13 A 15

Charadas novissimas.

2—1—2 Vim ao Rio para entregar o passaro a certa mulher.
M. D'ANGOULÊME

2- 2 A viola é um bello instrumento tocado no ascensor.
D. RAVIB

2—3 A negra cheira mal a gomma.
(Pinda) MOPSO

AVISO

As senhoritas sómente decifrarão os problemas até ao n. 12, e os cavalheiros todos os problemas.

Os ultimos problemas apenas destinados aos cavalheiros serão de quaesquer diccionarios.

CONVITE

Aguardo o concurso de todos os collegas.

ORAMA

De longe

A' PITTA

Obrigado, por motivo imperioso, eis-me ausente de ti! Aqui, tão distante, no meio desse intenso movimento de grande cidade, onde, segundo muitos, facilmente, se esquece o passado, eu soffro immensamente a tua ausencia. Fujo das diversões, proprias da mocidade, pois, não acho n'ellas, attractivo algum sem a tua presença.

No silencio da noite, quando a sós, no meu quarto, passo horas inteiras, recordando o curto espaço de tempo que, juntos passamos; a tua figura innocente, apparece-me perfeitamente, na imaginação; aquelle teu ironico sorriso, eu o vejo tambem distinctamente. Nesses momentos angustiosos, eu sinto as consequencias de um amôr sem esperança; sim, digo sem esperança, porque realmente, não m'a deste; pois sei que encaras o meu amôr, como simples «flirt» passageiro; mas, posteriormente, convencer-te-ás da realidade das minhas palavras.

Quando me vem á mente, a idéa de que, tens tantos pretendentes, e que, facilmente, poder-me-ás olvidar, sinto-me desanimado de viver, pois, esquecer-te, ser-me-á difficilimo, senão impossivel.

Esperarei entretanto pelo tempo, que tudo consome...

DECIO

Niteroi.

O quanto póde o coração feminino

(Phantasia dedicada á SANTINHA).

Delio, o louro Deus-Luz dos Helenos, que tinham para com elle um grande culto de inteira veneração, fazia agonisante no seu aureo e requissimo solio de dôr !

Um favonio brando e ligeiro trazia de seus labios de fogo as palavras ultimas que diziam um adeus de despedida aos seus viventes.

Do cimo d'um monte, onde se erguia altaneira uma alvadia capellita em honra a Virgem Mãe, um sino plangia com sua vez erca e laconica, assignalando o finalizar de um dia e o iniciar d'uma noite fria e trevosa.

Era Ave Maria !

A pequena villa que demora á beira-mar, parecia participar do mutismo d'aquella hora de infinita soledade !

Tudo, emfim, experimentava a cruel ausencia d'aquella que apenas despertava por poucos instantes, envolta no seu crescente manto — a ingrata Cynthia !...

O ceo apresentava-se envolto em nuvens negras e, como se estivesse mal suspensa em suas dobras, uma chuva ininterrupta-se desprendera vindo dar a terra o seu humido beijo.

De norte a sul, e como se fora uma praça de guerra disputada pelas igneas metralhas, relampagos e mais relampagos, acompanhados do ribombar pavoroso dos trovões, arremessavam de encontro a terra, suas fagulhas fulminantes !

O oceano bravio e impetuoso, atirava, após soltar um mugido extranho, os pobres barquinhos e galeras de encontro a areia inteiressante !

Alecto, a terrivel e impiedosa deuza, parecia querer no auge de seu poderio, vingar os elementos atirando-os uns contra outros !

Tardia bonança !...

Alem, n'uma pequena choupana, exposta a terrivel vendaval do tempo, e que serve de abrigo a uma pobre familia, cujo chefe fora mar a fóra em busca do alimento aos seus queridos filhinhos, uma mulher devota e ao mesmo tempo medrosa pensando no esposo, victima talvez da furia das ondas, dobrara os joelhos ante o Crucificado, e, com o coração fervoroso, elevava os olhos aos Céos, pedindo á volta breve e feliz de seu carinhoso companheiro.

O vendavel, era cada vez enorme !...

Depois, pouco a pouco, a Natureza começara a se manifestar, parecendo tudo voltar á calma. O oceano quedara-se, o céo se desanuviara, os relampagos detiveram-se no espaço e o repouso em fim principiara na sua obra benefica de tudo tranquillisar !...

Em breve tempo, trauleando uma canção maritima, chega cançedo ao seu lar o pobre barqueiro, após tanto e tanto ter luctado contra o embate das vagas...

O medo e o torpor que se azylaram no coração d'aquella mãe e esposa, haviam-n'o abandonado !

E' que ella a dedicada esposa que nem um só momento esquecera o seu fiel esposo distante, teve afinal a alegria incontida de apertar em seu seio aquelle por quem ella tanto orara a Deus.

E tudo se normalisou.

Com o coração pleno de alegria e amor, a piedosa mulher fora agradecer Aquelle que tudo vira e presenciara, lendo em seu coração, o milagre que obrara, podendo abraçar ao seu antigo companheiro que jamais pensara regressar á seus braços.

E' que mais uma vez triumphara a Fé !

JOÃO MANOEL VIEIRA DE MELLO.

Importante informação ao publico desta capital

Chegou ás nossas mãos um util «aviso» denomidado INCENDIO organisado pelo alferes Affonso Romano, e certos de que prestamos um auxilio ao publico desta capital, transcrevemos o «aviso». E, o leitor por precaução, tomará as devidas informações para saber qual o «avisador» mais proximo de sua residencia.

INCENDIO

A sua casa tem o avisador mais proximo á rua ... no predio n. ... na esquina da rua ...

AVISO DE INCENDIO

Declarando-se fogo em sua casa e não podendo dominal-o feche as portas e janellas do compartimento em que elle se manifestar e previna aos bombeiros :

«Um minuto de demora em avisar os bombeiros pode dar causa á destruição de um predio».

AVISO PELO AVISADOR NUMERADO—De posse da chave da caixa entroduza-a no orificio do centro e faça com ella um movimento de rotação para a direita, Está dado o aviso. Aguarde junto a caixa a chegada dos bombeiros para lhes indicar o local do sinistro.

AVISO PELO AVISADOR NÃO NUMERADO—De posse da chave, abra a porta. Encontrará no interior uma alça que puchará até sentir resistencia soltando-a em seguida. Está dado o aviso. (Espere os bombeiros)

A' quem comprehender...

A minha vida decorria tranquillamente, quando te conheci; isto é, quando nos conhecemos. Fizés-te-me então a declaração de um amor sincero, ao qual não dei credito a principio; deste-me porém provas tão inconcússas do affecto que mostravas dedicar-me, e que desejavas fosse reciproco, que attrahiste assim suavemente o meu coração, até prendel-o.

Desde então dediquei-te verdadeira affeição, a tua imagem absorvia todos os meus pensamentos; e a sinceridade com que mostravas corresponder-me, espalhava pela minha existencia um fluido perenne de venturas immorredoiras.

. . . .

Decorreu algum tempo; e apezar do teu amôr parecer sincero como sempre, eu duvidava, pela razão muito simples de que sempre duvidei da constancia nos corações dos homens.

Zanguei-me comtigo innumeras vezes, e apezar de fazeres sempre o possivel, para que te tornasse a fallar, o terrivel tormento da duvida persistia no meu espirito; e um dia por um motivo muito simples zanguei-me seriamente comtigo, tu não sei se por capricho, ou se por outra razão para mim desconhecida não tornaste a dirigir-me a palavra, e como eu te mostras-te desde então frio e indifferente . . . Entretanto, apezar de tudo, eu sentia com a tua indifferença, pois que afinal, dedicava-te sincera amizade,

. . . .

Porém tudo passou. Ignoro se ainda te recordas de mim, mas o certo é, que apezar de te ver diversas vezes, a tua imagem já deixou ha muito de observer os meus pensamentos,

Tem razão de sobra o poeta quando diz, que

Quem perde uma illusão
Ridente, nada perde;
Pois outras illusões
Se abrem no coração
Que é uma roseira verde
Coberta de botões!

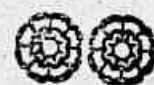
11—7—916.

YOMAR OLGA ADIR.

Rosas Vermelhas!

Para a graciosa Senhorita Olga Pires
(REMINISCENCIAS DE UM BAILE)

Rosas vermelhas!
Rosas, vós sois n'um Horto as amphoras da [Luz!...
Rosas, vós sois n'um Templo as chagas de [Jesus!...
Rosas vermelhas!
Noivas do Aroma em tunicas vermelhas...
Incensos nos collóquios das Abelhas...
Rosas vermelhas!
Rosas, mudos mysterios que ha n'um Vaso
Pelas horas patheticas do Occaso...
Rosas vermelhas!
Rosas, vós sois as tremulas imagens
De sangue, nas grinaldas das ramagens!...
Rosas vermelhas!
Rosas, vós sois a purpura dos Poetas...
Divina perfeição divinizando as Metas...
Rosas vermelhas!
Rosas, vós sois o sangue dos Heroes
Dourando a alma da Historia em luminosos [sóes!...
Rosas vermelhas!
Rosas, vós sois a Aurora do Japão!
Na poesia do Amôr, imagens da Illusão...
Rosas vermelhas!
Rosas, a vossa côr d'um véo ensanguentado,
Recorda exhausto somno... e a noite d'um (noivado...
Rosas vermelhas!
Rosas, sois a Saudade, o funeral do Pranto
Na eterna procissão do eterno Campo-Santo...
Rosas vermelhas!
Rosas, rubra grinalda, á tarde, sobre o Poente...
As cortinas do Sol se erguendo no Oriente!...
Rosas vermelhas!
Rosas, vós sois o sangue das Manhãs...
As rosas que ha na dôr dos corações das (Mães!
Rosas vermelhas!
Rosas, Saudade e Amôr no meu Viver!...
Os globulos vermelhos do meu Sêr!

NEVES BRAZIL

HISTORIA DE UM BICHANO

N'um chapéo de senhora, abandonado,
O bichano nasceu; branco de arminho
Era seu pello, macio e avelludado
Como o da dona que lhe deu o ninho.
Nasceu com quatro pés, rabo e focinho
E com leite de gata foi creado;
Afagado por todos com carinho,
O bichano cresceu, ficou pesado.
Creou corpo e engordou sempre mansinho
Mas, ó magua que o peito meu invade!
A Clarice matou o desditoso...
Depois, foi transformado em picadinho,
Que a gemer e a chorar só de saudade,
Posso aqui affirmar que achei gostoso!

JOVIAL

MODOS E MODAS

Tres chapéos modernissimos e um veu lançado como chic

FIGURINOS

As ultimas creações «Paquin»

Arrependimento tardio

Nos primeiros tempos de cazada a vida lhe parecera um sonho feliz, ditoso e jamais pensara Laura que, um dia, aquella felicidade pudesse abandonal-a, duvidando sempre na destruição do seu doce viver...

Entretanto, agora, doente que se sentia, fraca, desilludida jà da vida, pensava, melancolica, nos tempos idos, recordando as caricias do marido, o amor ardente que elle lhe votava.,.

Oh ! tudo desapparecera !...

A felicidade se fôra, abandonando-a de uma vez para sempre. O marido, o Roberto amante de outr'ora, já agora pouca importancia dava a esposa, a infeliz Laura que horrivelmente soffria com aquelle cruel desprezo.

Agora, os beijos de Roberto eram frios, o seu modo de fallar a esposa era muito outro. As suas palavras já não tinham mais aquella ternura que tanto confortava o coração de Laura ! E, dia a dia, minada pela tuberculose, a feliz joven de outros tempos, tornava-se como que cadaverica e, difficilmente, distinguia-se em seu rosto um simples traço de sua antiga belleza...

E ella tudo isso reconhecia e com razão pensava ser este o motivo porque Roberto já não era o mesmo para ella. Ingrato ! Emquanto febril, no leito a infeliz Laura soffria com a terrivel enfermidade, elle, o marido, estava fóra de casa, amando, talvez, uma outra mulher, olvidando,cruelmente aquella, a primeira mulher a quem dedicara o seu amor !...

. . . .

Um facultativo desenganara a desditosa joven que, atacada cada vez mais pela tuberculose, nada mais era agora que um espectro. A morte cruel a todo momento tentavs tragar a sua escolhida victima...

. . . .

Era noite já. Roberto ainda não chegado a casa, máu grado saber o estado gravissimo da esposa. Laura, de quando em quando tossia, soltando, de instante a instante, um

a infeliz, debruçou-se sobre o seu corpo ainda quente e, num copioso pranto, ali deixou-se ficar... tremulo, nervoso, arrependido, implorando misericordia aos céus, supplicando o perdão de Deus. Até que, abatido pelo remorso, começou a sentir os primeiros effeitos de uma allucinação e... enloqueceu !

ALICE MARIA PEREIRA

Flamengo, 31—7—916.

Vestidos de passeio

Vestidos simples para senhoritas

gemido surdo, que feria o coração de sua empregada, uma companheira que fôra sua durante muitos annos. O medico sahira naquelle momento para não assistir, talvez, o fim da desgraçada...

E... Ro;..ber...to ? pergunta, com bastante difficuldade, a enferma, á sua fiel empregada.

—Ainda não veio, senhora, respondeu a rapariga.

E com isso, já nos seus ultimos instantes, mais soffria ainda a infeliz a creatura.

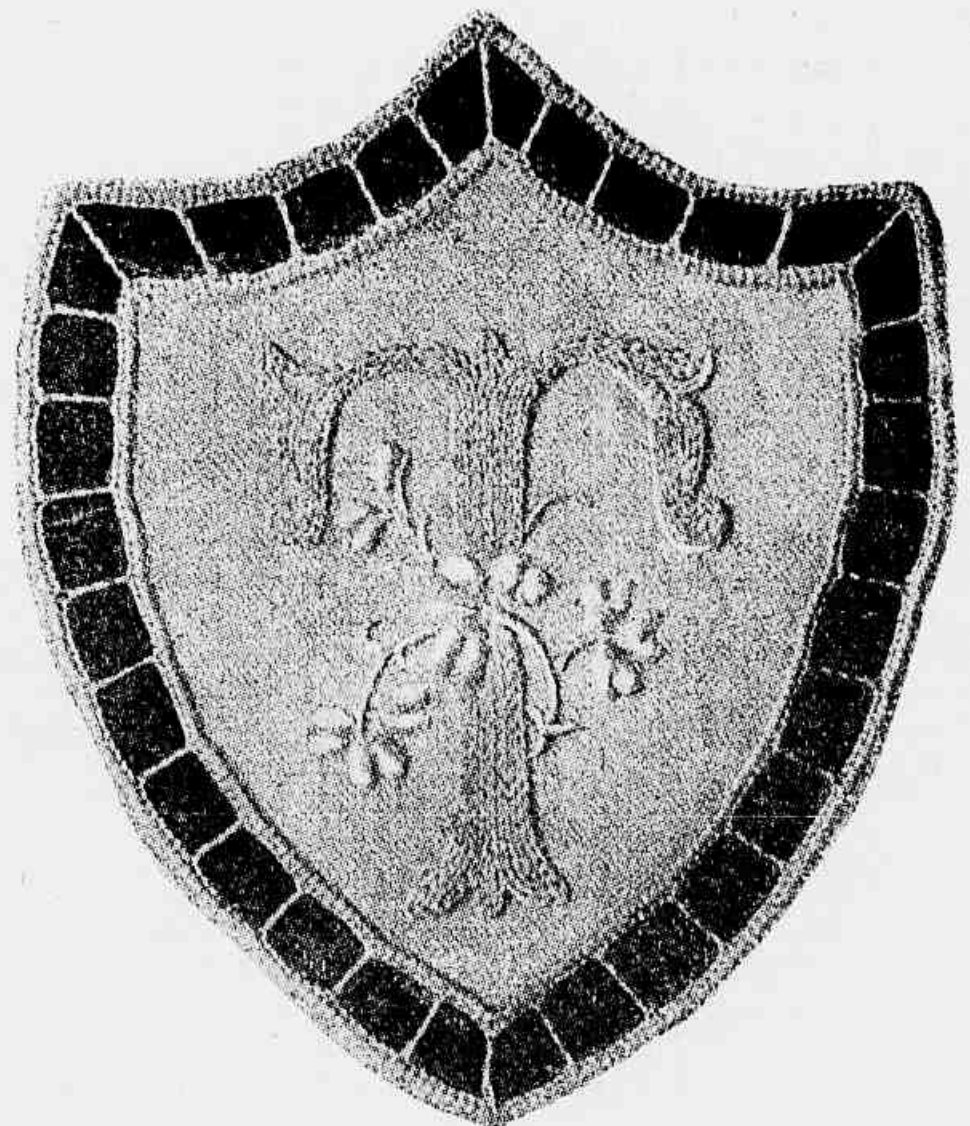
Subito, porém, eis que aquelle que era esperado pela enferma apparece, no momento em que Laura, como que já morta, cerrava os olhos, cessando mesmo de gemer.

—Morreu ? perguntou Roberto a empregada, que era a enfermeira de Laura.

Esta, porém, antes que a interrogada respondesse, levantou a custo a cabeça, ergueu os braços e enlaçando-se no pescoço do marido, beijou-o e, sem dar um só gemido, cahiu de chofre sobre o leito.

Estava morta.

Roberto, sem pronunciar palavra, pallido, olhava para a morta, emquanto que um grande arrependimento lhe torturava a alma e uma infinda tristeza se lhe gravava na consciencia.

Laura terminara naquelle momento o seu cruel viver, e Roberto, só agora reconhecendo o seu pessimo procedimento para com

Monogramma em linho

CARTAS DE AMOR

SAUDADE !

PARA O ALBUM DE...

Estavamos na primavera !

Oh ! como é bello o cahir da tarde na pittoresca cidade Therezopolis ! Sinto immensamente não poder ahi residir para sempre; nunca poderei olvidar as doces horas que me foi concedido fruir !

Oh ! recordo-me da ultima tarde que passei na adoravel cidade que fica situada a margem do rio Paquequer ! Da janella do meu modesto quarto apreciava o descambar da bella tarde primaveril ! Oh ! que bello se mostrava o firmamento !

Contemplava, ao longe, o azul diaphano do céo, la mais distante, no horizonte o sol dardeja á terra seus derradeiros raios que brincam meigamente na corolla das flores !

Ao longe, la muito longe, ergue-se a capellinha branca, que pausadamente toca a Ave-Maria !

Ah ! quanta poesia encerra esta hora—mixto de prazer e melancolia !

Ah ! quão gratas são, as recordações das tardes ahi passadas !

Meiga brisa ! quanta saudade tenho do teu doce soprar !

Ah ! foi nesta deliciosa tarde, que senti uma saudade inexplicavel, uma melancolia indizivel !

Mas... hoje comprehendo, o que eu sentia dominar minh'alma era a saudade de uns lindos olhos azues, inspiradores de poemas, de um sorriso gracioso, como os colibris que beijam as rosas, de uma face alva como as petalas dos jasmins, de um coração tão puro como os odorantes lyrios !

Hoje, que vivo junto a esta pessôa, ao cahir da tarde, já não sinto a mesma melancolia ! Então, em fervorosa prece, imploro ao Creador que esta felicidade seja eterna !

Oh ! doce saudade, és pois a companheira dos que soffrem, a amiga daquelles cuja ausencia de alguem feriu atrozmente o coração !

Ah ! és sublime...

LUCIA.

—

AO EITER DE O. C. E SOUZA

Saudades. São 5 horas da tarde. Ha tres minutos, estava eu na janella do meu quarto, pensativa, taciturna, extasiando-me na intraduzivel belleza do Céo, pensando em ti, no immenso amor sincero que te dedico, e tambem recordava-me, (porem muito triste), da noite de hontem, em que, mais frio que nunca, vieste ao meu encontro.

Oh ! Se tu pudesses descobrir no meu sorriso, a melancolia de minh'alma, hontem não me farias soffrer tanto, estou bem certa !

A Lua não quiz ser testemunha de tantas crueldades. Conforme, sério, indifferente, ouvias as minhas queixas, ella, a Rainha da Noite, escondia-se por entre as ricas nuvens escuras, collorindo-as de uma côr cinza, e os accordes musicaes da brisa, passavam por cima dos arvoredos, levando para bem longe, ás supplicas do meu coração dorido...

Hontem, as lantejoulas que ornavam este azul purissimo de minha Patria, não estavam tão brilhantes, como nas noites anteriores, mas mesmo assim estava encantador; e juro-te : nunca achei-o tão bello...

O Céo parecia tambem compartilhar das minhas magoas. Era tão lindo assim, que só se poderia dizer que Deus havia entregue a algum de seus archanjos, o pincel de Apelles, para encher aquelle panno de horizonte.

—Depois de me martyrisares bastante com tuas phrases amaranhadas de indifferentismo, partiste, sem ao menos, deixar que eu alimentasse com a troca de um olhar carinhoso e terno, a consoladora Esperança de mais tarde, ser feliz. Feliz eternamente...

—Então, é assim indifferente, como me tratas, que queres, não duvide de ti ?

E' assim, que queres eu creia nas tuas phrases, nos teus pensamentos ? Impossivel !

Nictheroy - 1916.

LITA.

—

DIVAGAÇÕES

Ao Claudio, auctor do conto «Os dias de chuva».

«Chacun de nous, porte en son cœur
Des espoirs fous et du folles penseur.

M. DE FÉRAUDY.

—

Li o teu conto e rejubilei-me ao ver que havia na terra um'alma egual á minha.

Como me sentia solitaria e só, ao ver que o genio de todos defferia do meu, como soffria ao ver que Deus não puzera no mundo uma irmã gemea da minh'alma.

Eu descubro atravéz as tuas palpebras, uma imaginação ardente, que o conduz ás regiões da phantasia, fazendo-o sonhar com um ideal, ha muito já acariciado apaixonada e eternamente em seu coração.

Acha-as que eu tenha exagerado, ou não terei advinhado o teu pensar sob as palavras que escreves-te ?! Num caso ou n'outro, perdoar-me-a.

«Os dias de chuva» fazem-me chorar e ao mesmo tempo vivificam a minh'alma, fazendo-a sonhar com um bem desconhecido.

Quantos sonhos não me voltejam pela memoria, quantos desejos não se aninham em meu coração !

O meu ideal, este meigo e terno ideal, que me acompanha desde que comecei à comprehender e à sentir, vibra mais inten-

Mme. MENDES

samente em mim e eu então num frenezi de loucura, ergo delirantemente os olhos ao céu nebuloso como a querer perscrutar-lhe os mysterios e a desvendar o futuro que mais espesso e insondavel se torna então á meus olhos! E nestas horas de ancia e padecer, como não desejaria ter á meu lado um ente amado, cujas caricias me embriagassem e me fizessem olvidar a tristissima situação da minh'alma á debater-se nas chammas da loucura!

Mas apezar de tudo, dizes bem, amemos «os dias de chuva», porque são elles que nos proporcionam verdadeiras horas de prazer, e, levando a noss'alma ás doces regiões da etherea phantasia.

E ao terminar peço ao Claudio, considerar-me d'or'avante sua amiga e admiradora.

LILIA CORAL.

Abandonado

Ao Nestor d'Hollanda Cunha.

Passaste e foste para além. Comtigo
Tambem se foi a branda phantasia
Do meu sonho de Luz, meu sonho amigo,
De que minh'Alma toda se nutria.

E é por isto que o breve enredo antigo,
Do nosso amôr, estudo noite e dia,
E nem saber ao menos eu consigo,
Em te querendo tanto o que queria?

Tu me deste a beber na propria aragem
Da tarde em que te vi, tanta ambrozia
Que enlouqueci após tua passagem.

Bebi de mais. Agora é já vazia
A taça que me deste e a tua imagem,
Nos meus sonhos de amôr se reffectia.

Capital Federal,—1916.

EUZINIO DE ALMEIDA.

Excelsa

(Ao distincto poeta e escriptor, Dr. José Soares Dias).

Imponente e festiva, eil-a que passa,
A das formosas mais divina dama:
—Tem no porte a esbelteza e a suave graça
Das Venus immortaes que o mundo acclama!

Não ha quem lhe resista á ardente flamma
Do negro olhar! Surpreza, a populaça
Prisioneira se prosta ante essa dama
Que, á folgurar como uma estrella, passa...

E' irresistivel o arduo amôr que inspira:
—Tem a ardencia cruel da rubra lava,
E a doçura dos carmes de uma lyra...

E o seu affago os mortos resuscita:
—De intenso amôr um dia morto estava
E revivi aos beijos da bemdita!...

Do «Varzeas e Penhascos»

LUCIO LIMA.

NOCTURNO

A' encantadora amiguinha Alice de Almeida, distincta collaboradora do «Jornal das Moças».

Quando no silencio da noite, a nostalgia me avassalla a alma sonhadora, eu penso em ti, adorada amiguinha; vejo-te com os olhos do coração que vive torturado pela saudade.

Hesito, e não hesito em confiar na bondade magnanima do teu affecto, e n'um soffrimento algido e frio, n'uma crise de desanimo, me deixo dominar pelas mais vis allucinações, e acredito que a ingratidão, pôde vencer a susceptibilidade do teu coração tão meigo e puro.

A duvida cresce em minh'alma, afogando-me n'um turbilhão de magoas, e com os olhos marejados das lagrimas ardentes que só a saudade faz deslisar, diviso na tela azul do firmamento luminoso, o teu perfil suave, a doçura inexcedivel do teu olhar negro e avelludado; a tua bocca "mignonne", toda sorrisos, como um cáctos purpurissimo; as tuas mãos delgadas, finas e macias como duas petalas de rosa. O teu corpo esculptural, de uma delicadeza rara; corpo de sylpho ou de fada... os cabellos negros, sedosos, guardando os reflexos encantadores e bizarros de um crepusculo vespertino.

No leve perpassar do zephyro dolente, ouço a tua voz limpida como o crystal, argentina como a gargalhada tentadora da legendaria Yára!

. . . .

Não rias, queridinha... descrevi sem querer o teu perfil; mas foi preciso que o coração falasse, illuminado pela nostalgia, e a amizade inspirasse a minh'alma, dedilhando em surdina a canção melancolica da pungente Saudade!

MENCAR

Petropolis, 12—7—1916.

Aurea Guimarães, distincta pianista, residente em Pernambuco

Perfis de normalistas

IV

Mlle. M. S. — E' muito sympathica, bonita mesmo, possuindo até o frescor da flor do seu nome. Entretanto é de uma altivez inconcebivel, não admittindo o mais innocente brinquedo com a sua apreciada pessoa.

Quer isto dizer que se porventura Mlle. viesse a conhecer o humilde escrevinhador destas linhas, absolutamente não lhe perdoaria o devaneio de rabiscar estes perfis, que tanto successo (modestia á parte) têm causado não só na Escola Normal, entre as suas collegas e amiguinhas, como noutros pontos.

Parece que estou a vêl-a, mordendo os labios, fremente de indignação, lastimando não conhecer-me para fazer as suas imprecações... e isso com lampejos de colera brilhando em seus formosos olhos, verdes e profundos como o mar das ilhas dos Açores, n'uma das quaes nasceu.

Humildemente, porém, me penitencio, recebendo, resignado, todas as censuras que me forem dirigidas, principalmente pelas senhoritas altivas e geniosas... como Mlle. M. S.

Muito joven, é mais baixa do que alta, de um moreno roseo, cabellos bastos, quasi pretos, nariz pequeno e bem talhado, bocca regular, bons dentes e um queixo redondinho, nó qual, ao lado esquerdo, uma pequena cicatriz, fazendo uma cóvinha, dá-lhe ao rosto uma expressão graciosa.

E' alegre e communicativa, porém o seu genio se revolta á menor contrariedade... E é pena...

Todavia esse facto não exclue as innumeras amisades que cultiva no 2° anno, entre as suas collegas de aulas. E' bastante applicada, revelando muita intelligencia.

Fica radiante de alegria quando tem a opportunidade de encontrar e conversar com aquelle rapaz alto, magro, moreno, pallido, tambem de olhos verdes, cabellos castanhos e rosto oval, que daqui ha algum tempo será o senhor doutor A. B , formado em direito. Até parece que Cupido, travesso, vem preparando as settas...

Mlle. M. S.—Reside no aristocratico bairro das Laranjeiras. O nome da rua é breve, de mulher, e começa pela vogal A.

SHERLOCK.

:::::::

Senhorita Durvalina Lima, residente nesta Capital

Uma sympathia...

Não sei quem elle é, donde vem, nem como se chama... mas... de vez em quando, nos encontramos, em meio da turba de indifferentes que nos rodeia, eu sinto um fervoroso contentamento quando encontro seus claros olhos serios que me fitam...

Nunca nos fallámos .. O som da sua voz nunca o ouvi... nem a expressão de seu pensar... só sei que seus olhos procuram os meus, e n'este contacto longiquo, eu deixo-me embalar... descuidosa !

E sempre será assim ! Uma sympathia cheia de nostalgias, que pouco á pouco vai se tornando o encantamento de minha vida solitaria ! ...

«Sympathia é quasi amor... disse Casemiro de Abreu... Este «quasi» separa muita cousa !

O amor muitas vezes não é permittido, a sympathia sim...

E porque não querer estes tão curtos momentos de sympathia onde nem mesmo a palavra diz nada ? ... Nossas mãos nunca se tocaram... é sempre assim por sorpresa, de longe que «sentimos» que nos conhecemos «assim» tão sómente... Delicioso platonismo !

E eu... esquecida de tudo, deixo-me levar pela magia de um rapido momento que me traz esta nova felicidade...

Quem é ? ... De onde vem ? ... Como se chama ?...

Não ! não quero saber ! Quero saborear esta sympathia como o que ha de melhor na vida; deixando na penumbra o positivo que poderá fazer cahir a originalidade deste sentimento permittido á um coração sosinho que sente n'este carinho tão casto e impressionante, acalmar a sua séde de affeição...

Senhorita Odette Lima – Capital Federal

Senhorita Pires Gomes, residente na Bahia

Si por acaso tu me lêres, desconhecido amigo, não queiras romper o encantamento desta sympathia pela banalidade... Fiquemos n'estas alturas, no contacto de nossos olhares fervorosamente unidos !

Talvez que se acabe em breve, este sonho tão bom, mas será sem dôres e sem decepções, deixando após elle... sómente uma fugitiva impressão que ficarà leve no pensamento como uma pagina escripta que o vento levou....

MARGARIDA.

*** Deixou de fazer parte da redacção desta revista o sr. Astarbé Rocha. O nosso talentoso e estimavel collega afasta-se por motivos de ordem particular, que não lhe permittiram continuar a prestar ao «Jornal das Moças» o concurso da sua actividade intelligente.

INSTITUTO PROFISSIONAL FEMININO

A aula de engommado

As tres Virgens

A' Albertina

Naquella pequenina casa, modesta, mettida alli n'aquelle cantinho socegado, longe do bulicio da cidade, na quietude dulcissima do seu jardim e na fragancia suavissima das suas flores, as suas queridas rosas, vivem as tres Virgens, as tres Graças...

Fez-me lembrar Gabriel d'Annunzio, ou antes, o seu bello livro, as «Virgens», quando pela primeira vez transpuz os humbraes da encantadora mansão, n'aquelle canticulo da rua das Palmeiras.

Eram dez horas apenas. A rua deserta convidava á pensar, tanto era o silencio e a mansidão que resaltava das suas arvores bem tratadas e do seu todo ajardinado. Tudo parecia dormir...

De quando em vez a sereia do guarda nuctnrno vinha despertar a monotomia do ermo... E as tres Virgens, mudas, pensando... delineando... conservavam se sentadas.

Por fim, uma, a loura, olhos esgarçados e luminosos, exhibindo-se á luz que inundava o terraço, apresentou-me em toda a amplitude a silhueta do seu corpo divinal, digna de um cerebro estheta: os traços firmes, as linhas suaves a perderem-se nos contornos opulentos e sublimes... alta, um esguio aristocratico á Lydia Borelli, limphatica, enviava-me um sorriso de sol, confeccionado n'uma bocca de carmin.

As outras, indolentes, alheias ao bello, fitavam-na acariciando-a com os olhos, ternos embora, mas ficando muito além dos iriados magnetismos da loura diva...

A lua vinha subindo altaneira. O relogio vagaroso, a cochilar, bateu a meia noite.

Vamos? balbuceia a de idade.

Vamos, responderam as outras.

Da rua vinha o rumor dos automoveis e o apitar longinquo do vigilante... E sorrindo, mudas, esbeltas, sublimes á luz das lampadas electricas, lá se foram as tres Virgens... as tres Graças...

Lopo

Centro dos Choreophilos

Soirée realizada no sabbado ultimo

«Minha Terra»

Todos cantam sua terra
Tambem vou cantar a
[minha...

C. DE ABREU.

Fica ao sul d'este Brazil magestoso
A terra do meu lar,
Lá onde a Jurity saudosa á tarde
Nos galhos da mangueira com saudade
As vezes vae cantar!

E' lá, onde os sabiás são mais sonoros
Mais habeis trovadores;
Os campos tem mais vida e mais pureza,
O céo é mais azul, tem mais belleza
E mais perfume as flores!

E' lá, onde eu brinquei na minha infancia
Nos tempos juvenis,
Que fica o lar querido que hoje choro
Sosinho, n'este exilio que eu deploro
Com lagrimas febris!

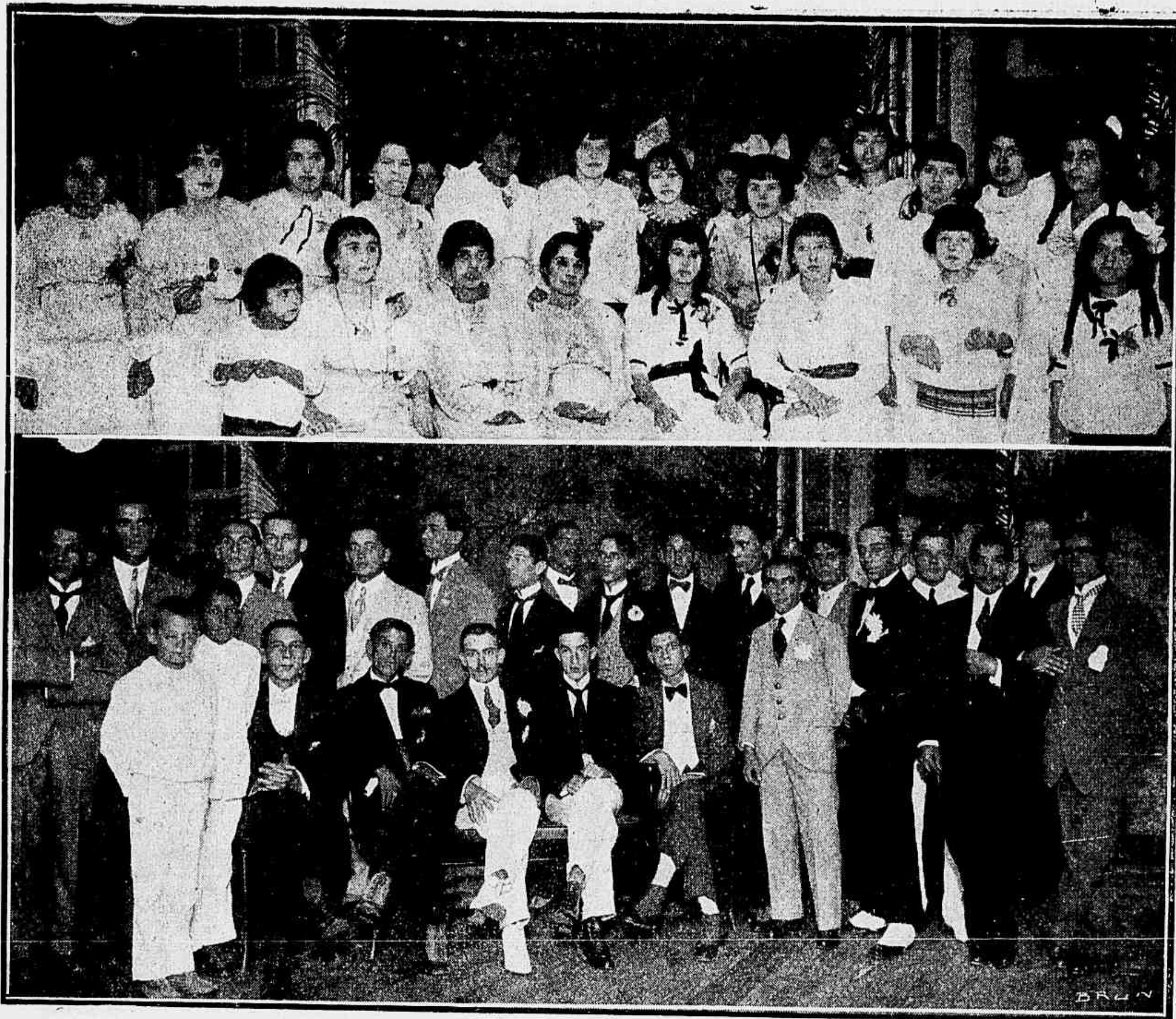
Eu troco de bom grado as Avenidas,
Palacios colossaes,
Por montes tropicaes da umbrosa serra;
Os campos magistraes da minha terra
Prefiro, e valem mais!

Não troco, não, por marmores pomposos
A terra onde nasci!
A vida folgazã que outr'ora tive
Por lá, n'esses sertões onde se vive
Ouvindo a Jurity!

E' bello o meu Paiz, é monstro, é grande
Não tem mesmo rival,
Mas a terra onde nasci, — meu berço amado,
E' um ninho onde se dorme descançado
Nas noitas do mangal!

E' bella a vida agreste e camponeza,
E' languido o viver!
E' melhor que o bulicio das cidades
Que nem siquer ao menos as saudades
Nos pode espairecer!

Não troco, não, por tudo o que é mais bello
A terra do meu lar,

«Bloco das Violetas»

Baile realizado no dia 5 do corrente

Lá onde a Jurity saudosa á tarde
Nos galhos da mangueira cam saudade
As vezes vae cantar !

* * *

A lua que clareia a argentea praia
O rio que corre é limpido e suave,
Os lagos de christaes,
A flor cheirosa que embalsama o prado
E' o berço amigo do viajor cançado
Em noites tropicaes.

Quem me dera o viver de novo agóra
Na terra onde nasci !

A vida folgazã que outr'ora tive
Por lá, n'esses sertões onde se vive
Ouvindo a Jurity !

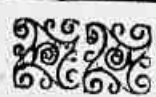
Embalde a minha lyra insiste embalde
Cantar o meu Paiz !

Se — louco — quero balbuciar um canto,
Turba-me os olhos resentido pranto
E o peito nada diz !

Mas que diga e que falle com pureza
De vós quem já foi lá,
No campo onde eu nasci, na minha terra,
E ao fresco amanhecer, na umbrosa serra
As vózes do sabiá !

Prefiro ao céu carioca o azul mais puro
Da terra do meu lar,
Lá onde a Jurity saudosa á tarde
Nos galhos da mangueira com saudade
As vezes vae cantar !

GUMERCINDO REYCHMANN.

Rio, Julho de 1916.

A galante menina Rosa Borges

::::::::

Secção de Felicidade

O Professor Macharioff enceta sua collaboração no «Jornal das Moças»

O desenvolvimento tomado pela nossa Secção de Felicidade, que tão grande successo tem provocado, nos suggeriu a conveniencia de dar a essa secção a maior amplitude. Para isso, resolvemos contractar os serviços de um provecto e consumado especialista, cujos trabalhos revestissem, realmente, o caracter scientifico que se fazia mister.

Sabendo achar-se no Rio o illustre professor russo Stanislau Macharioff, que é em materia de sciencias occultas, auctoridade de renome universal e que alcançou, em 1912, em algumas capitaes europeas os mais assignalados triumphos, contractamol-o para dirigir a SECÇÃO DE FELICIDADE do «Jornal das Moças». O illustre scientista acceitou o nosso convite. E já no proximo numero apparecerão as suas respostas ás nossas gentis consultantes e leitoras.

O professor Macharioff responde a qualquer consulta que lhe seja feita por carta, sem cobrar remuneração de qualquer natureza.

Pedimos as nossas distinctas leitoras cujas consultas não foram até agora respondidas que de novo as enviem ao professor Macharioff, afim de serem promptamente attendidas. Para essas, não será necessario o coupon.

A correspondencia do professor Macharioff deve ser dirigida para a redacção do «Jornal das Moças».

Peito de Vitella recheiado

"POINTRINE DE VEAU FAICIE"

Corta-se a ponta dos ossos das costellas que se encontram no peito e faz-se uma incisão entre a carne de cima e a das costellas, introduzindo-se por essa incisão um recheio preparado pela seguinte forma:

Pica-se 375 grammas de carne de Vitella, junta-se 500 grammas de ubre de vacca picado e mistura-se tudo com temperos verdes e seccos bem finos, sal, um pouco de nós moscada ralada e trez gemmas de ovos crùs. Depois coze-se a abertura.

Colloca-se o peito em uma frigideira, coberto com lascas de toucinho e deixa-se assar durante tres horas. Depois escorre-se a gordura e tira-se a linha.

CREME DE AMENDOAS

Escolhem-se 125 grammas de amendoas doces e 15 grammas de amendoas de damasco, pondo-as em agua a ferver e, quando sahirem completamente as pelles, tiram-se da vasilha, passando-se por uma peneira para escorrer bem a agua, pisam-se em almofariz de marmore juntando-se-lhe aos poucos : 30 grammas de assucar que se molha com agua sufficiente para formar uma massa.

Desmancha-se 2 litros de leite as gemmas de 6 ovos ás quaes se dá uma fervura completa e passa-se como para os demais cremes, juntando-se aos poucos 370 grammas de assucar, a massa das amendoas, e mexendo-se com uma colher de pau passa-se outra vez pela peneira e põe-se em lugar em que possa gelar.

::::::::

A normalista ALICE ALVES

Novo folhetim

«ENTRE DOIS AMORES»

Terminando com o numero de hoje o NOIVADO DE HELENA, que tão empolgantemente impressionou ás nossas gentis leitoras e constituiu um verdadeiro successo literario, temos a satisfação de annunciar o inicio, no proximo numero, de um novo e interessantissimo folhetim, cheio de motivos emocionaes e rico de dramatização e de verdade.

ENTRE DOIS AMORES, original de uma de nossas mais scintillantes escriptoras, é a historia seductoramente passional de um coração alanceado pelas agudezas de um destino impiedoso que o collocou, gozando e soffrendo ao mesmo tempo, entre dois grandes, sublime e profundissimos affectos.

Estamos certos de que ENTRE DOIS AMORES agradará immensamente ás leitoras do «Jornal das Moças».

Amor de Mãe

(A' minha querida e bôa mãezinha.)

—Qual será de todos os amores que reinam na humanidade, o que se salienta mais; e, mais consola?

Ninguem poderá emmudecer, perante tal pergunta...

Todos responderão :

«E' o amor maternal; pois é elle que sobre-sahe sempre dentre todos os amores que existem».

Será sempre igual, e sempre perpetuo este amor?

«Sim; pois para creal-o, muito soffre e muitas angustias passa, nossa mãe, que em calma e esperança nos embala em seu regaço, só constituido de amores e carinhos sinceros.

Que olhar doce e meigo nos volve ella quando delirando, sem tino, parecemos nos despedir do mundo, no qual só nos cercam os sentimentos maternaes.

Não devemos, nunca, nem em pensamento, pensar em deixar de adorar nossa mãe, pois devemos veneral-a e querel-a como a uma santa ! ! ...

CONSTANÇA PAIM PAMPLONA.

Longe de ti

Ao jovem academico E. Amaral.
(S. Januario).

Longe de ti, soffrendo a cruciante dôr da saudade, que penetrou fundo no meu coração esphacelando-o, como é triste o cahir da tarde para mim !..: Phebo que radiante estava, tornou se taciturno, e como não querendo ser testemunha da minha immensa dór, vai lentamente declinando-se para o Occidente, e com elle vai-se a minha ultima esperança !...

A passarada recolhe-se aos ninhos e como que enviando o ultimo adeus ao dia que morre, trina tristissimos gorgeios !... Longe de ti tudo é triste e desolador para mim !... Pouco a pouco como o dia vou definhando com a ausencia tua ! Ai, como são crueis as tardes para mim !..

ZITINHA

A Esperança

Felizes aquelles que dormem embalados pela esperança—essa encantadora mensageira da felicidade que espalha flores sobre o caminho de nossa existencia. Sem esperança a vida seria um martyrio, um céo sem estrellas, uma arvore sem folhas, uma lagrima eterna, um suspiro sem fim. A esperança é muitas vezes a Fada que nos faz viver em jardins encantadores, que nos dá riquezas fabulosas. E' a lampada do Aladino que quando evocado, fazia todos sonharem nas festas do Oriente ; é a musica que aplaca os nossos pezares, que nos leva ás regiões da harmonia. A esperança é irmã da fé : quem espera crê ; são duas columnas que sustentam a alma, são os perfumes que embelezam a vida, são os olhos com que devemos olhar para Deus.—SYLVIA.

O sr. presidente da Republica assistindo o desenlace do «Grande Premio Dr. Frontin» realizado domingo ultimo no Derby-Club

Pic-nic na Ilha do Engenho

Embarque do «Grupo dos Simples» no caes Pharoux para realizar o pic-nic

Escola Tiradentes
Dirigida pela distincta cathedratica Ilza de Souza Martins

Curso complementar.—2º anno.—Professoras Maria Coeli da Cruz Rangel e Iracema Rêllo de Araujo

Curso medio—1· anno—Professoras Archangela Cunha, Albertina Guimarães e Laura Bastos.—Curso medio—2· anno—Professora Irene Riera.—Curso complementar—1· anno—Professora Maria Regina da Cruz Rangel

Um chic modelo de sombrinha bordada

O bordado pode ser feito em ponto cheio, ou todo em aberto como o bordado inglez. Na extremidade terá um recorte feito com ponto de feston e ficará a sombrinha mais luxuosa com uma boa renda na borda.

O linho pode ser branco, creme, rosa ou azul; o bordado será sempre em branco, feito com algodão perlé.

Tambem póde forrar-se a sombrinha com pongé de seda ou d'algodão, em côr, quando o linho for branco e o bordado em aberto.

Poderá tambem se fazer o bordado de bolas feitos a ponto cheio, semeadas por toda a sombrinha, começando na borda em ponto maior, diminuindo de tamanho á proporção que se approximam do centro.

O linho em azul, bolas bordadas com algodão perlé branco, rodeadas com um ponto de pé em preto.

O effeito é lindo.

Retirou-se da redacção desta revista, por motivo dos multiplos affazeres, o Mr. Edmond, que nada mais tem com a nossa Secção de Felicidade.

Notas Mundanas

ANNIVERSARIOS

Fizeram annos a 8 do corrente as senhoritas:

Esther Murillo Reis, filha do Snr. Major Carlos Reis, assistente militar do Dr. Chefe de Policia.

* * *

Olga Adelia Pinto, filha do Dr. Pinto Lima, advogado do nosso fôro.

* * *

Mme. Annita Rocha Bastos, virtuosa esposa do Snr. Dr. Rocha Bastos, secretario da Instrucção Municipal.

* * *

A professora cathedratica Leonic Teixeira da Silva.

* * *

A' 9 as senhoritas:

Alice Alzira Bailly, Almira de Castro e Alba Nogueira.

* * *

A' 11 festejarão os seus anniversarios:

Mme. Odette Bailly Estienne e Alvina Leite.

* * *

A' 13 o nosso companheiro Antonio Damaso e a senhorita Libia Castro.

* * *

GREMIO DAS MAGNOLIAS.—Um numeroso grupo de familias da estação do Riachuelo, reunidas na residencia do inspector escolar sr. Venerando da Graça, e por iniciativa da esposa deste, d. Alzira da Graça, resolveu organizar uma selecta sociedade, que tomou o titulo de « Gremio das Magnolias », e cujo programma será promover entre as suas associadas palestras litterarias, dansas e outras diversões.

A directoria, que é composta só de senhoritas, ficou organizada do seguinte modo:

Presidente, Mlle. Jandyra Miranda; thesoureira, Mlle. Maria Hilaria Rodrigues; 1ª e 2ª secretarias, Mlles. Candida Freire e Lydia Pereira Sarmento; fiscaes, Mlles. Lucilia Miranda, Maria de Lourdes da Silva Freire e Alice Borges Ancora da Luz; commissão de recepção, Mlles. Isaura Ferreira, Manoela de Figueiredo, Dagmar Freire e Dulce Luz.

A primeira reunião dansante desta aggremiação terá logar no dia 26 do corrente.

INSTITUTO PROFISSIONAL FEMININO

Corpo docente

Scismando...

Vendo o mar calmo sob o céu pollido,
E o vôo incerto da gaivota branca...
Porque de subito o meu ser estanca,
De olhar dolente e de perfil pendido?...

Talvez vizione do Desconhecido...
A perspectiva que meu tedio espanca,...
E que, nas ondas tristes, solavanca
Um vulto errante pelo sol tangido...

Talvez projecte, retirar do oceano,
C'oas mãos cortadas de um tremor insano,
Os vagos pensamentos de uma prece...

Talvez, quem sabe? — contemplando as
[aguas...
No Gulf-Stream de effervecentes maguas,
Veja a minh'alma que por ti perece...

Guaratiba,—12—4—916.

CELSO HERMINIO.

CONFIDENCIAL

Sabei, senhora, que no seio vosso,
Nesse recesso que de amôr é cheio,
Tendes guardado um coração alheio,
Que sendo meu, é de nós dois... é nosso!

Esse segredo encarcerar não posso,
Pois vós sabeis que muito amôr anceio...
Embora mesmo nesse vosso seio
Exista preso um outro alguem que esbóço!

Por vosso amôr, e só por vós, coitado,
Viveu sosinho; e mais feliz agora
Tem elle a crença de um allucinado...

Elle vos sente, a palpitar, senhora,
E palpitando, sempre ao vosso lado,
Parece ter o que não teve outr'ora!

NESTOR GUEDES

ALBA

Dedicada á senhorita Alba de Vasconcellos

(Por L. Xavier)

P.
1ª
2ª
1ª
dolce.
2ª
f
D. C. al 𝄋

PAGINAS INFANTIS

AO PAIZ DO SONHO

(A' minha mãe)

O dia amanhecera cheio de encantos !...

No nascente surgia um clarão de fogo: era o Phebo que despontava com o seu cortejo de raios. saudando o dia e cujos fachos de luz vinham aquecer a terra humedecida.

O céo, que pareciá meditar, achava-se ornado de nuvens brancas que se assemelhavam a gaze finissima e retratando-se no mar apresentava um aspecto deslumbrante !

O mar alastrava-se agitado e as suas ondas se enrugavam ao leve perpassar da brisa; de vez em quando, algumas mais intrepidas se erguiam revoltas, para logo se desfazerem em espumas que osculavam a falva areia da praia...

O sol, erguendo-se do seu leito aureo, apoderava-se do espaço e a sua luz intensa reflectindo-se na agua do mar produzia uma maravilha.

Os verdejantes morros que circumdavam a praia recebiam a luz do sol seccando o orvalho que durante a noite cahira sobre suas vegetações.

De repente, um ponto branco appareceu na superficie do vasto oceano: era um modesto barco em cujo seio conduzia duas jovens acompanhadas de dois graciosos anjinhos.

Uma das moças, morena, de olhos negros, cabellos como ebano, deixando, quando ria, apparecer seus dentes alvissimos, falava alegre com a sua companheira. Esta, clara, de olhos azues como saphiros, cabellos loiros e em desalinho que lhe cahiam sobre a face, correspondia, com gentileza á sua amiga. Ambas, coradas, riam sentindo o suavisar da brisa, que lhes batia no rosto e com as mãosinhas delicadas seguravam os remos que impelliam a pequena embarcação.

—Para onde iriam essas duas louquinhas, cujas vozes echoavam no espaço ? ¡

—Dir-se-ia, ao vel-as que caminhavam para o paiz do sonho, guiadas pelos Anjos da Guarda.

FERNANDO LISBOA.

ALFREDO, filhinho do sr. Alfredo Schawartz

—

MAGUA OCCULTA

Um dia, eu passeava pelos campos numa alegria louca, infantil e pura. Todas as flores haviam desabrochado e expandiam-se. radiosas e bellas.

Acompanhava-me. meu pae.

Transformára-se em creança, porque eu desejára assim, e corria commigo atraz das borboletas, sentava-se na relva humida e fria, e enchia o meu regaço de rosas e jasmins.

Ao meu aceno, curvava-se, submisso, a rir como uma creança, esperando que meus labios lhe dissessem o que pedia o coração que os animava, para satisfazes em um momento esse desejo, com os labios transbordando beijos e ternuras.

Meu pobre pae ! Como me fazem mal essas recordações !

Nesse dia, tudo eu desejava.

Meu espirito, na livre inconsciencia dos cinco annos, começava a formar-se, e eu reunia ideias numa alegria difficil de conter,

Porque uma rosa nascera branca como a lua e a outra rubra como o sangue; porque não paravam de voejar os beija-flores; porque havia insectos feios como o bezouro e outros lindos como a borboleta; tudo eu queria saber. E era um espectaculo curioso e agradavel, o ver-se aquelle homem forte, explicar á creança que tinha sobre os joelhos, numa linguagem poetica e infantil, os mysterios na natureza ardente e fecunda.

As florres que eu havia designado, eram de cores tão differentes, porque uma desabrochàra á noite, sob o lençól alvissimo da lua, e a outra nascera dos beijos fervidos ao sol. O pequenino passaro, não podia cessar o seu vôo, porque, de tão leve, bastava um sopro da brisa para o obrigar a mover-se; e as borboletas eram almas de creanças meigas, emquanto os bezouros symbolisavam a infancia má e desobediente.

—E eu serei como a borboteta, meu pae ? —perguntei ao fim da explicação, esperando anciosa a affirmativa que eu jà havia advinhado.

—Sim. Tu serás como a borboleta.

Sorriu com expressão de orgulho paternal e beijou-me na fronte.

A menina ELIZA BERNARDINO, em primeira communhão

Saltei dos seus joelhos sobre a reiva e afastei-me correndo, derrubando as flores que encontrava no caminho. De longe, atirava-lhe beijos e adeuses.

De repente, como me deslumbrassem dois pedaços do céo que appareciam por entre o rendilhado verde das arvores, approximei-me novamente; e, sorpresa, com duas lagrimas nos olhos, vi desfolhar-se nos labios daquelle homem o sorriso de amor com que me esperára.

Inconsciente da dolorosa fibra que ia fazer vibrar em seu coração, eu lhe perguntára, curiosa e meiga, apontando para as nesgas celestes, si fôra assim sereno e azul, o olhar de minha mãe!

IÁRA DE ALMEIDA.

O amor do homem

O amor do homem é como a luz abrazadora, do grande sol, que illumina o mundo, cujo calor dá vida á planta e faz brotar o fructo, mas se a força da luz um pouco m is augmenta,—a planta se entristece, reséca e morre.

Assim é o homem quando nos illumina com a luz de seus flamejantes olhos, e nos aquece com o seu amor ardente, mas que dado ao intensivo augmento do raio de acção desse mesmo amor, a mulher se resente e deixa morrer por entre sacrificios toda a adoração pelo ente amado.

OLGA

Além mar...

Era de manhã cedo!...

Innumeras pessoas se achavam no caes aguardando a hora da partida. Em seus olhares risonhos se notava demasiada alegria.

O mar estava sereno. Ao longe, se avistava o poderoso navio, que dahi a pouco ia receber em seu bojo, aquellas creaturas.

Em breve, as lanchas atracaram ao cáes, e, nellas tomaram logar os viajantes, que em meio dos abraços e dos votos de felicidades, levavam as physionomias risonhas.

Momentos depois achavam-se todos accommodados no navio, que então lentamente seguia.

O céo, que se achava bello, todo orlado de nuvens, parecia compartilhar da alegria dos viajantes...

O poente se achava alastrado de côr purpurina: era o grandioso Phebo, o astro rei, que orgulhoso enviava á terra o seu ultimo osculo para dalli seguir com destino ao seu leito ethereo e divinal...

A brisa enrugava lascivamente as aguas do vasto oceano que murmurando, surdamente, semelhava ao anhelito anciado de um gigante adormecido...

As ondas, como que para dar mais um tom poetico á natureza, lambiam a alva areia da praia, e, logo em seguida retrocediam, formando ephemeros castellos espumejantes!

Bandos de gaivotas voavam, e quando pousavam aqui e acolá, deixavam cahir das limpidas azas gottinhas d'agua, parecendo brilhantes soltos.

E assim em meio de tanta belleza reunida, sahiu, barra afóra o transatlantico que levava innumeros passageiros, entre os quaes eu me achava, radiante, por ser a primeira vez que fazia uma viagem maritima!...

E hoje quando me lembro desse dia encantador, sinto n'alma um extase inexplicavel...

HAYDÉE LISBOA MANZANO

SAUDADE

Assim como o passaro na floresta, quando as vezes em busca de alimento é transpassado pela bala do caçador, assim eu longe de ti, quando procuro lembrar-te para confortar minh'alma, sou transpassada pela setta da saudade.

MARIA W.

Ao sempre querido Modesto

Assim como a estrella polar dos navegantes, brilha á hora dos mares bonançosos, assim tambem desejo que a estrella tutelar, fulgure nas horas de nossas felicidades, para illuminar as nossas almas e guiar-nos protectoramente para a realização de nossos ardentes desejos.

CHININHA

O NOIVADO DE HELENA

N. 11 Original de MIRANDA ROSA

Entretanto, o sonho não se realisou.

Alfonsina chegou a Coritiba. Encontraram-se em casa de Tótó Fontoura. Flirtaram.

Mas, a severidade dos costumes daquella terra, onde ainda se cultiva a moral antiga e onde as virtudes domesticas não cedem logar ás innovações exportadas pelas metropoles corruptas, não permittio que o «flirt» excedesse as raias de um inoffensivo divertimento.

Totó Fontoura desde logo percebeu que havia qualquer cousa entre a sobrinha e o Diplomata. Tanto que observou ao General:

—O dr. Fernando não é noivo no Rio ?

—E'. De uma amiguinha de Alfonsina.

—Ah ! Pois estavam pensando aqui que elle e Alfonsina eram noivos. Dansaram quasi toda a «soirée» do Gremio... Voce sabe, os costumes da provincia são differentes do Rio.

O General não quiz dar importancia á indiscreta, porém cautelosa advertencia de Toto'. Nada disse a Alfonsina. Esta e Fernando, porém, sentiram o constrangimento que despertavam as suas intimidades.

Alfonsina planejara, realmente, seduzir o noivo da amiga. Um dos objectivos da sua ida ao Paraná fora esse. Contava que Fernando, longe de Helena, não lhe resistisse aos encantos e avançasse até compromettet-se. Afinal, o seu ideal era precisamente casar-se de novo com um homem como aquelle, que a attrahia tanto pela sua figura mascula e dominadora como pela sua privilegiada situação social.

Que importava a traição á Helena ? O essencial era que Fernando se deixasse vencer. E a seductora mulher não acreditou que os seus encantos falhassem.

Enganou-se. Fernando advinhou a teia em que o queriam prender.

E cuidadosamente a contornou. De modo que, quando Alfonsina se decidia a forçar uma conversa na qual pudese verificar até que ponto conviria ceder a Fernando, foi sorprehendida com a noticia de que elle partira, com o ministro Framtz Kartmann, para o interior.

—E não voltaria a Coritiba, informou-lhe Totó Fontoura. Regressa por S. Paulo. Pedio-me que o desculpasse com voce e o General.

* * *

Quando Alfonsina se despedio de Helena, communicando-lhe a subita viagem ao Paraná, a noiva de Fernando não poude dominar a apprehensão que a assaltou.

Lembrou-se do pezadello que tivera durante o incidente do qual conservava tão amarga recordação.

Quem saberia si o sonho não fora um aviso do destino ? Já havia notado que Alfonsina dispensava a Fernando uma attenção que poderia ser tomada por suspeitavel preferencia.

E agora, os dois em uma cidade distante, quanta cousa má aconteceria !

Fernando não lhe escreveu de Coritiba sinão laconicos cartões postaes, com vistas da capital paranaense, a «lyrial rainha do sul» segundo o optimismo bairrista de um poeta local.

Alfonsina, ao contrario, escreveu-lhe longas cartas, das quaes Fernando era o unico assumpto. Cartas perversas que so visavam levar o desasocego e a duvida ao espirito de Helena.

Helena atravessou de novo horas de angustia e de receio. De tudo, porém, a compensou Fernando que preferio chegar sem a prevenir e que ainda a enterneceu com outra sorpreza, mais agradavel e que mais a alvoroçou : a resolução de casar-se dentro de um mez.

Os trinta dias passaram celeres, nos preparativos do casamento e na emoção da radiosa espectativa.

E Helena vio confirmado emfim, o sonho que lhe pontilhara a vida de doiradas esperanças, nos dias inquietantes que succederam á festa da Quinta.

Casou-a, em uma inebriante tarde de primavera, na matriz da Gloria, aquelle santo velhinho que era o conego João, que já tantas vezes tivera occasião de pronunciar para as suas amigas, o «conjugo vobis» e do qual se dizia dar felicidade áquelles a quem casava.

Lá estavam na vasta nave do templo, o Rodrigo de Faria, cujas commendas resplandeciam, o poeta Claudio Clarimundo Fontoura e Alfonsina, o ministro Frantz Kartmann, Camillo de Almeida Cunha e sua interessante consorte, o poeta Carlos Guimarães, sempre com um soneto engatilhado e as irmãs Schmidts, com um prodigioso vestido verde.

No dia seguinte, o chronista Plinio de Alecrin publicava no «Independente» a seguinte noticia:

«Pelo «Avon» partio para a Europa o distincto casal Fernando de Mattos, que, depois de passar a lua de mel na luminosa Italia, a terra classica da arte e do amor, se fixará em Londres, onde o joven diplomata vae prestar o concurso da sua intelligente actividade á legação do Brazil».

FIM.

TAÇA DO JORNAL DAS MOÇAS

Premios ás tres concorrentes que obtiverem maior numero de pontos

Resultado, incluindo a ultima corrida realisada em 6 de Agosto.

N.	NOMES	PONTOS
1	**Dylia**	82
2	**Colibri**	80
3	**Odylla Briani**	79
4	Nadir	78
5	Inubia	77
6	Jenny de Carvalho	75
7	Natercia H. Guimarães	73
8	Daisy	72
9	Rosa Branca	69
10	Glorinha	68
11	Lucilla Briani	68
12	Carmen Rosales Arêas	59
13	Maria S. Lima	59

Dylia não mandou palpites.

Taça Jornal das Moças

CONCURSO HIPPICO

IN-PACE DO SONHO

A' Mlles. Helena Nogueira e Cordelia, talentosas collaboradoras do "Jornal das Moças".

Ha o languor d'onda quebrada, ha cantos elegiacos e melancolicas sonatas nas «Paginas d'Alma», mysteriosamente veladas pelas nevoas das desesperanças... Evocando extasiantes alvoradas, aquellas paginas têm, no entanto, manchas rubras de um sol que, por entre a rudeza e as asperezas de um longiquo monte, lá se tomba agoniadamente no occaso...

São paginas veladas, emocionantes, dolentes de uma alma alanceada, martyrisada em cilicios, infinitamente augusta, que uma larga auréola de estoicismos circunda, santificando, sublimando...

Vibrações virgens de violino inviolado para o Mundo — violino de cujas cordas o arco da Dôr rouba os accordes fugitivos de um segredo amargo — as «Paginas d'Alma» fazem meditar no mesmo vago e no mesmo encanto longiquo de regiões onde refulgem as solemnidades transfiguradoras da Saudade... e as vibrações passam, perpassam, e, soluçadas e mysticas, etherificadas de fórmas e volupias, ascendem ao parque solitario das melancolias, n'uma orchestração de soluços, delicadamente aureoladas, docemente incensadas pelos meigos e miraculosos aromas de Flôres do Coração...

O que flammeja, o que canta elogios nas «Paginas d'Alma», é a sède bemdita, a ancia infinita, que não cessa, de encontrar a alma simples que comprehenda, que sinta, que ame com meiguice a alma encantadora que se revella com toda a volupia da magua, com toda a eloquecia da desesperança, atravez de deslumbramentos paradisiacos, nas «Paginas d'Alma».

Mysticismos de monja enclausurada e delicadeza de sensação, scintillam, pontuados de lagrimas, transbordante de maguada ternura, nos espiritualisados aromas de «Flôres do Coração» que, gyrando languemente, ganhando tonalidades roseas, n'uma beatitude de martyres serenos na suprema Dôr, ascendem á Esphera azul e ouro quintessenciada na fórma de um Ideal, atravez de mysterios solemnes, na tristeza da Lua, em busca da taça ouro-aço-azulada, onde beber o elixir do esquecimento e do sonho...

E, na suavidade, na paz protectora e magestosa da noite, no deslumbramento, no regaço ineffavelmente amoravel das estrellas, os desolados martyres desapparecem — lá se vão aquelles errantes soluços, lá se vae todo aquelle martyrio, de silencio em silencio, de desillusão em desillusão, tristemente, tristemente, lembrando, de pezarosas noivas, espiritos fugitivos errando pelos espaços, contando, entre-sorrindo e chorando, a sua magua ás almas e ás estrellas...

Para almas assim, em interminavel martyrio de outro Golgotha mais triste, mais amargo, mais sedento de soluços e gemidos, em breve soará a alta hora da grande manifestação suprema.

***

Paira no ar um rumor languido como que de bater de azas archangelicas.

Na terra, quatro olhares encontram-se; comprehende-se.

No céo borburinham gorgeios e cantos, palpitações e cicios, fremitos e canções; lá, duas almas encontram-se, amam-se com meiguice.

Um suave rumor d'azas palpita em redor das duas almas; dentre as estrellas, um anjo, sorrindo, surge, com um dedo nos labios. Silencio. Despetalam-se as flôres e gemem violinos, com tristezas...

Canticos de Sol, lagrimas de Lua, chammejamentos da Via-Lactea, n'uma graciosa confusão tecem em redor das duas almas uma aureola faustosa de brancura immaculada.

E, desses canticos, dessas lagrimas, desses chammejamentos, atravez da transparencia luminosa da Via-Lactea, vem, então alvorando, radiando magnetisadora, miraculosa e rutila a grande Flôr original do Amôr, levemente, lentamente, com intensos refinamentos, com requintes exquisitos, sagradamente transfiguradora...

Esse é o termino suave, compensador de tantas abnegações, de tantas lagrimas, tantos suspiros, tantos soluços, que o Destino grave reserva á Mlles. Helena e Cordelia, romanticas e visionarias monjas do Sentimento, velando á claridade maguada dos cirios, no tabernaculo solemne das Chimeras, no «in-pace» do Sonho!...

Rio—7—916.

BELÉO.

SONETOS

Symbolismo

Offerecido a Mlle. Paulina Caparica.

Qual cypreste a gemer aos risos da Alvorada,
Perolado de luz,—esqualido precito ;
Minh'alma, sombra azul da tarde desolada,
E' um sonho do luar, chorando no Infinito.

Uma campa de dôr, em crepe amortalhada,
Meu verso,—qual do Outomno o derradeiro
[grito
Que rola pelo espaço ; imagem mutilada
De um sonho que vagueia a soluçar afflicto.

Meu peito—o cofre roxo e amargo da sau-
[dade,
Dolencia lacrimal de tetrica amargura,
Urna que guarda a flôr azul da mocidade.

Meu coração—da magua é sombra dolorida
Que pela vida vae cantando a desventura
N'uma nenia lethal, tristonha e compungida.

ALICE DE ALMEIDA

Supplicio doce

O sol desponta, e a farta cabelleira
Ondeante, de ouro e luzes, irradia ;
Ha, na Terra que accorda, a phantasia
Plena, da luz na irradiação primeira.

Dos ninhos, a faustosa melodia,
Vae se espalhando pela terra inteira ;
E a lua, no céo, marmorea e fria
Já se finou com a sombra derradeira.

Meu amor ! Como invejo a pobre lua,
—Pallida virgem que no céo fluctua
E desfallece, e morre, á luz solar !

Eu quizera, tambem, tristonhamente,
Como a lua no céo, alvinitente,
Morrer, gemendo, á luz do teu olhar !

YÁRA DE ALMEIDA

Sepulchro em Flôr

(A' encantadora senhorita B.,.)

Amo-a sim ! meu amor por ella é extenso
Tão vasto como as plagas do infinito,
—Maior do que o oceano, mais immenso
Do que aquellas montanhas de granito.

Sómente n'ella a todo o instante penso
E o seu nome é harmonioso e tão bemdicto
Que chego até perder quasi meu senso
Quando a escuto, e os olhares n'ella fito.

Oh ! Christo, immaculado e Redemptor
Se morreste pregado no madeiro
Tambem eu morrerei na cruz do amôr.

Que seja o meu supplicio essa donzella
E que no agro instante derradeiro
Tenha como sepulchro os braços d'ella.

LUIZ AMORIM

Rio—5—4—916.

O teu perdão

. ...lè poète je pardonne ; l'homme, jamais !
Jth. Santos.

Só perdoas ao poeta ! O misero proscripto,
O homem,que anda a beijar-te os pés. e que
[se arrasta
Pela estrada do Amor,contendo a queixa e o
[grito
D'alma pregada á cruz de uma sorte ma-
[drasta...
O homem, que apenas vê—triste pária mal-
[dito—
No céo do seu futuro uma estrella nefasta,
E que sonda e perscruta o poder infinito
Que o attrahe quanto mais de ti elle se
[afasta...

Esse homem, teu perdão divino não merece!
Que elle soffra é preciso ! E' mistér que a
[impiedade
Lhe emmudeça,da crença,a derradeira prece.

Seja ! Mas... eu não creio em tão cruel sen-
[tença !
E, no duplo perdão do Amor e da Bondade,
Ha de ainda florir a minha velha crença !

JULIO MERAL

Rio, Maio—1916.

MATUTINO

Acorda em festa Flora. No Levante
Rubra a Aurora entre esplendores assoma.
Cantam em côro as aves. Um aroma
Flóreo exhala o bosque refrigerante.

No regaço do pomar verdejante,
Uma abelha, duma flôr que aura toma,
Zumbe em torno, emquanto roçando a coma
No rio o encrespa a brisa sussurrante.

Um raio aureo de sol pela planura
Do intermino espaço segue... E a fragrura
Perfumada do valle ao vento brando ;

O cámpo em festa ; a alameda tremente ;
A planta ao cimo da serra, crescente ;
Vão pouco a pouco de luz se alagando...

MARIA A. MARTINS

Lage de Muriahé.

Amor intenso

Amar-te sempre, cheia de carinho,
O coração me ensina, a todo instante.
Do puro amor que te consagro o ninho
Teci de leve no meu peito amante.

Indaga a flôr, pergunta ao passarinho,
Ao céo de anil, ao mar sempre espumante,
Ao vento que se agita em borborinho,
Se pode haver um peito mais constante !

Anjo da minha crença, em ti pensando,
Componho este soneto, alegremente.
Em cada verso que aqui vou deixando,

Lerás o juramento mais sagrado,
Que de joelhos fiz, contrictamente,
Perante a cruz do Christo ensanguentado.

WALKYRIA FRAGOSO LOPES

Bahia.

AS NORMALISTAS DE NICTHEROY

O discurso official das professorandas

(Continuação)

Missão, pois, espinhosissima é a dos que a tanto se propõem! missão grandiloqua é a nossa, mestres queridos, que nesta Escola Normal distribuistes as parcellas vivas de vossa intelligencia com a mocidade, que procura vencer.

Assignalemos a nossa Patria pela cultura da intelligencia no dizer do Illustre Dr. Nilo Peçanha, aos gloriosos destinos que lhe estão reservados na evolução da America!

Hoje, como em epochas passadas e como sempre, é o nosso espirito movido pela convicção inhabalavel de que o ideal que professamos vale bem pelo realce de uma regeneração.

As leis do movimento em sua coexistencia determinam o principio de todas as liberdades cujo exercicio é o direito, que, em sua evolução complexa, equilíbra a harmonia social e sem uma fonte directora, sem a educação, é impossivel a observancia desse equilibrio na impossibilidade do progresso.

Si a Escola tem por objectivo "modelar", é a Escola esse mesmo progresso; si o homem tem uma alma tendente ao absolutismo do "livre arbitrio", que se governa a si mesma, essa collectividade que, para nós, é o Povo deve ter a mesma força legislativa e o cadinho em que se observa essa transformação está perfeitamente representada pela Escola Primaria.

Si o desenvolvimento popular ê uma consequencia do trabalho e da instrucção, si o Povo nesse evolucionismo vai da choupana do proletario ao palacio da burguezia, si é elle o unico possuidor da scentelha do genio; da riqueza e da moralidade, delle tambem depende o predominio das questões sociaes, é elle quem faz a lei, quem constróe o alicerce da Republica—e o Povo se faz ao aperfeiçoamento moral e intellectual proporcionado pela Escola.

Torna-se mister que o homem do futuro, inspirado no seculo da electricidade, não seja o velho condemnado da brilhante poesia de Valentim Magalhães, que...

"Immovel na janella...
Os meninos comtempla, alegres a correr
E com um tom de voz, profundo, amargurado,
Murmura surdamente—
Eu não sei ler!

Na complexidade dos programmas, que attendem ás exigencias da vida, o professor primario descortina um infinito de conhecimentos aos olhares da criança e de sua cerebração imbryonaria, como se fora o diamante em sua phase rudimentar, consegue o brilhante que deslumbra.

Este é o grande trabalho educativo, esta é, incontestavelmente, a tarefa dignificante dos que hoje se diplomam.

Profissão grandiosa que prepara os sabios e que forma, pelo civismo, os grandes combatentes das conflagrações de todas as epochas!

Todos quanto assistem a grandeza desta solemnidade poderão avaliar o que nos vai n'alma ao deixarmos os dias felizes d'uma convivencia affectiva para a grande luta em que cada uma de nós tomará rumo diverso...

Nunca as palavras do poeta foram tão acertadas e o «delicioso pungir d'acerbo espinho» ou esse «doce amargo de infelizes»—traductor das lagrimas e dos sorrisos, será ã recordação perenne desses bellos dias, que não voltam mais!

As esperanças que se formam á inspiração dos primordios do ensino—estas sympathicas creanças que se diplomam comnosco, para maior brilhantismo de nossa festa, juntaram ás suas as nossas alegrias, partilhando da eucharistia do saber na grande officina do trabalho.

Nosso espirito se conforta á magnitude do consorcio das emoções infantis às emoções que nos dominam—nós, vencedoras da primeira etapa do grande problema do saber.

Tomando-lhes as mãos surgiremos á cathedra que nos sagrará professoras conscias de que aos nossos primeiros passos não falleceram os aromas das flôres, que se traduzem nas Esperanças do futuro.

Senhores! a turma de 1915, armada para as lutas; surge sobranceira á arena dos grandes combates da intelligencia para o engrandecimento deste Brasil, que repousa á beira do Atlantico, tendo os seus ideaes voltados para um céo azul em que um Cruzeiro dominador, por entre constellações multiformes, inspira a musa dos poetas.

Mas, ao deixarmos do recanto amorosissimo de cujo convivio nos despedimos saudosas fallará bem alto á nossa consciencia e ao nosso coração ainda não atrophiado pelas impurezas que embotam a sensibilidade, a gratidão eterna aos que tanto por nós se esforçaram.

Collaboradores da grandeza de nossa Republica, seja o nosso objectivo a Patria no desenvolver social representada pela familia, seja o nosso guia o caracter que regenera o homem e que forma o heróe, seja o nosso premio a certeza de termos cumprido o nosso dever.

(Tenho dito).

CECY COUTINHO

Ao pôr do sol

Para mamãe e papae

Tarde de estio. O astro-rei,
Cheio de garbo e esplendor,
Descamba, tingindo o céo
De bello e vivo rubor.

Cantam nos galhos frondosos
Das laranjeiras floridas,
A' beira dos ninhos fôfos,
As avesinhas queridas.

Cobrindo seixos e areia,
Marulham, tranquillamente,
De um ribeiro as aguas claras...
(Lembram-me o pranto dolente

De alguem que vive, saudoso
A' espera do bem amado,
Vendo passar, com o tempo,
De illusões o bando alado...)

Badala o sino festivo
Na capellinha da aldeia,
Branca, enfeitada de flôres,
De incenso e perfumes cheia.

E á voz do sino que plange,
N'um mixto de fé e amôr,
Junto uma prece contricta,
Louvando ao meu Creador.

Botafogo—Julho de 1916.

JULINHA PEREIRA.

CECILIA

A' minha irmã Stella.

Bella como as manhãs de primavera e alegre como a travessa borboleta que esvoaça osculando as flores, era Cecilia, a filha do camponio mais querido do logar, pelos dotes e virtudes de que era possuidor. Os seus cabellos quando em desalinho assemelhavam-se aos raios de sol dourando as aguas do regato que corria celére junto á sua cabana ; o frescor de sua pelle era egual ao dos alveos lyrios orvalhados pela neblina da manhan e nos labios onde brincava-lhe sempre um sorrir innocente, a cor das rosas rubras predominava tornando-a encantadora.

Quando as sabiás annunciavam o dia, Cecilia dirigia-se para o campo, acariciando as flores que sentiam-se orgulhosas quando suas mimosas mãos as colhia para ornar-lhe o busto esbelto e gracioso e um penedo gigantesco que era o seu maior amigo ufanava-se da virgem descançar á sombra de seus galhos...

Cresceu Cecilia.

Sempre boa e carinhosa era o enlevo de seu pae velho e viuvo.

Um dia porem Cecilia enfraqueceu· Nas suas faces outr'ora tão rosadas transparecia agora a pallidez propria das angelicas.

Assim como a rosa desabrocha, definha e depois morre assim tambem foi Cecilia...

Depois de grande penar que ella soffria resignada para não sobressaltar seu velho pae, entregou aquella santa a alma purificada á Deus.

O velho ancião ao acordar-se um dia não encontrou a filha. Bateu à porta e a chamou em vão...

Entrou.

O perfume suave das flores silvestres entrava pela janella perfumando o quarto, e no leito com um eterno sorrir o corpo hirto de Cecilia!

Os gaturamos trilavam tristemente e aquelles endeixos que mais pareciam queixumes vinham confundir-se com os lamentos do pobre velho que ficara sem aquella estrella humana para amparal-o na tropega velhice...

. . . .

Dias se passaram.

Cecilia tinha sido enterrada junto ao penedo onde na vida descansava das fadigas e o pobre velho foi encontrado morto sobre o tumulo da filha.

Deus lhe roubara a unica esperança porem a dôr livrou-o dos tormentos arrebatando-lhe a vida...

Viajantes! Quando por alli passais, forçosamente descobrireis o logar desta historia pelo triste murmurio das aguas do regato...

COELHO LOUZADA

20 de Julho 1916.

Tristezas

A' Mlle. Alice Almeida

Soluça o vento uma saudade triste,
E a sós, tristinho e exasperado clamo;
Emquanto a magua mais cruel me assiste...
Eu te amo!

Na synthese da dôr funesta e escura,
Eleva-se a minh'alma amortalhada
N'esse brado d'amor que ainda perdura
Flor fanada.

O teu olhar onde soluça a magua
Volve p'ra mim, n'uma caricia branda,
E então verás meus olhos razos d'agua
Dôr nefanda!

Ai! porque te encontrei na vida errante
—Lyrio niveo sonhando a paz do céo! —
Sombra de estrellas, raio scintillante
Em branco véo! ?...

. . . .

Os meus olhos no pranto estão immersos
E a minh'alma tristonha já não canta
Guarda no seio—peço-te! —estes versos.
Minha santa!

—Rio,—23—12—1915.

DR. CARLOS LEAL.

Conto de B. P. Nicanoff.

(Traduzido (do russo) pelo engenheiro brazileiro E. Pereira)

Barbarasinha

E porque tu nasceste, desgraçada?

Muitas, mesmo muitas vezes, Barbarazinha, escutava estas palavras. Ouvia-as todos os dias, quer quando ainda era pequenina e não as entendia, quer mais tarde, quando já começára a brincar e a falar. Ninguem lhe ensinára nem a falar nem a pensar em coisa nenhuma; porém ella só por si ia aprendendo ora isto, ora aquillo, ora aquill'outro. E como que inesperadamente, o insignificante entezinho ia se transformando em uma meninota.

Tinha mãe. E era esta precisamente que lhe dizia entre lagrimas e maldições:

— Mas porque tu nasceste, desgraçada?! Quando te resolves a morrer? O' meu Deus!

A mãe de Barbarazinha, Marina Ivánovna, era operaria; vivia em uma grande cidade e occupava-se de costuras. Sem Barbarazinha a sua vida seria muito melhor e mais facil.

Varka (esse era o seu appellido commum) tolhia-lhe os pés e as mãos... Varka precisa comer, porém a comida custava tão caro, que sustentar a si propria e mais a outra creatura era coisa quasi mpossivel. Sem Varka poderia encontrar algum emprego, mas com ella não havia meio. Se Varka morresse seria um achado para Marina Ivánovna,

Varka bem podia morrer e deixal-a socegada. Porém Varka, teimosamente, não pensava nisto e occupava-se de qualquer outra coisa menos de morrer. Teimava em ficar viva. Ficava viva apesar de innumeros motivos para morrer, apesar do frio, da fome, das molestias, da altura das escadas do sexto andar. Centenas e milhares de creanças da visinhança morriam de escarlatina, de diphteria, de falta de cuidado e vigilancia; porque ninguem se occupava com a sorte delles, morriam de quedas ou morriam queimadas. Porém Varka, com espanto de todos e desespero de sua mãe, ficava viva.

De manhã a mãe della tomava seu chale e sahia á procura de trabalho.

— Mamãe, estou com fome! — gritava Varka que não tinha vontade nenhuma de morrer.

— Não tenho nada para tu comeres! gritava a mãe, Onde é que eu vou buscar sustento para ti? Tu não me deixas! Morre de fome. Eu morro e tu morres!...

Ella sahia e deixava a porta fechada, mas a janella ficava aberta. No anno passado, na casa onde ellas moravam, uma mocinha tinha cahido de um terceiro andar quando lavava uma vidraça e tinha morrido, mas Varka não cahia. Era impossivel dizer porque, apezar da janella ficar aberta, Varka ainda não tinha cahido. Acontecia ás vezes que Varka trepava na janella e debruçava-se para fóra. Mas todas as vezes que isso succedia, apparecia algum dos moradores da casa que, agarrando Varka, retirava-a da janella e passava-lhe um forte pito. Nada impedia Varka de chegar ao patamar da escada e, por curiosidade, debruça-se sobre os balaustres para ver o que se passava em baixo. Pouco tempo antes, desta mesma escada, um pequeno, filho de um sapateiro, tinha se precipitado no espaço e tinha ficado machucado de tal maneira que viera a fallecer. Varka tambem ia para o patamar, subia nos balaustres e inclinava-se toda para fóra. Mas algum vizinho ou vizinha, de cada vez que isto acontecia, chegava á escada e retirava a curiosa Varka do fascinante perigo. De fome Varka não podia morrer, Obstinadamente todas as vizinhas a livravam disso. Varka ia constantemente ora á casa de um, ora á casa de outro e ganhava tudo que Deus queria. A's vezes a moradora do n.º 61, D. Ivatisna, dava-lhe caldo e pão. Não morria Varka de molestia, embora adoecesse frequentemente. Era difficil dizer porque não tinha ella ainda sido victimada pela escarlatina, pelo tipho, pela tuber-

culose. Talvez aquelle que a livrava dessas molestias, fosse quem a livrava de morrer de fome, de cahir da janella, ou do parapeito da escada. E a mãe de Varka, Marina Ivánovna, de volta á casa, via sua filha de perfeita saude e sentia a mesma angustia, raiva e desespero. Chorava e maldizia-se toda a noite; e seu coração, mudado por artes da mizeria e do soffrimento em uma pedra de gelo, berrava em gritos desesperados: — Eu te amaldiçoo! Maldito seja o teu nascimento, desgraçada!

* * *

Um dia, a mãe de Varka disse-lhe: — Vem cá! Anda, anda, desgraçada! depressa!

Segurou com força a mão do menina e puxou-a para si. E ambas sahiram para a rua. Andaram muito tempo no extenso boulevard, depois tomaram uma rua lateral e depois outra. Marina Ivánovna não largava a mão de Varka, receiando que esta fugisse. Entraram por um portão escuro de uma casa grande. Marina Ivánovna parou um momento, olhou em torno e disse a Varka: — Espera-me aqui um pouco. Eu volto já. Rapidamente seguiu para um lado. Varka alarmou-se e com toda força gritou: — Mamãe! — e mais que depressa correu acompanhando a mãe, que ella ainda via afastada. Uma pessoa que ia passando fez aquella parar, dizendo-lhe: — Olá! A criança está perdida. Nesse momento appareceu na porta da casa o porteiro e surgia perto a figura de um policia. Marina Ivánovna parou e Varka conseguiu pegal-a, agarrando-se com ella.

(Continúa.)

BILHETES POSTAES

A' alguem.

Ingratidão: Palavra funesta. Feristes para sempre um ente que te amou com lealdade.

Tempos felizes em que julgava nunca pronunciar-te, mas tudo era illusão: hoje ferido eternamente, trago-te gravada em letras sangrentas no intimo do meu pobre coração.

A. YLOPKS

* * *

Antes da guerra.

A guerra fora declarada!...

Duas horas antes da partida, o exercito acampado numa casa abandonada no campo, recebia a benção do velho cura.

Este com voz alta e sonora assim fallou:

—« Partam! partam para a guerra, para defender a terra em que nasceram, tão adorada.

—Salvem-na de uma derrota, matem o inimigo e terão o perdão de Deus!... Pela patria amada saibam morrer, cumprindo o sagrado dever de patriotismo. Nossa ambição, nossa unica ventura, é vel-a sempre feliz e gloriosa».

A voz do padre era de fazer commoção; os soldados, alguns de pé, outros ajoelhados, ouviam cabisbaixo as santas palavras do velho, e então respeitosamente fizeram o signal da Cruz.

Horas tristes...

Uma lagrima de tristeza rolou pela face do cura.

Terminada a missa, os soldados retiraram-se.

Era já hora da partida.

Seguiam para a guerra, para cumprir uma sagrada missão, e pareciam ouvir ainda a voz do velho padre, como um echo angelico que lhes infundiam n'alma o consolo e a coragem...

LINDA

* * *

A' toi...

O teu amor é a seita que atravessando a immensidade vem cravar-se fria e doloridamente no meu peito, martyrisando-me a existencia.

* * *

A' PIO.

Quando amamos, com toda vehemencia de nosso coração um ente, e, este nos crava no coração a fria lança da indifferença ou leviandade... sentimos um véu surgir no horizonte de nossa felicidade e o fragil batel da esperança despedaçar-se contra as rochas da hypocrisia...

E... o amor, que tinhamos a este ente transforma-se em desprezo e odio.

NAIR

* * *

Ao 12.

O teu coração é o carro aereo que me conduz ás alturas sideraes do Amor!..

NAIR

* * *

A' ALICE C.

A lagrima é a confidente de uma paixão sincera e mal correspondida, cujo mundo inexoravel e inclemente, offertou as illusões e chimeras, negando a felicidade.

NAIR

* * *

A idéa é a voz da consciencia, ora doce e amavel, como o aroma das flores... ora triste e arrebatada, como gemido ou raiva.

NAIR

* * *

A morte é a estrella que nos guia ao reino do silencio e da felicidade.

RIRA

* * *

A Ingratidão é uma lyra, cujos psalmos são ungidos com os accordes psalmodiosos e tristes de um coração de ferro.

RIAN

* * *

Ao 12.

O teu coração é o marmore que enfeita a sepultura da minha desventurada alma.

NAIR

* * *

Ao 12.

A tua imagem é o sol que cinge rutilante illuminando as trevas de meu coração ininterruptamente apaixonado,

NAIR

* * *

O amor é um sentimento triste... nasce com esperanças... e cresta-se pelo sol abrazado da ingratidão.

NIRA

* * *

A' alguem.

Assim como Maria Magdalena foi pedir perdão de seus peccados aos pés de Jesus, tu has de vir a mim pedir perdão de me teres feito soffrer tanto!!!

C. MOURA

* * *

A' quem me entende.

Quando abriste o meu coração para nelle depositar o teu amor encontraste escripto: «amo-te eternamente» cousa que jamais alguem encontrará!...

C. MOURA

* * *

Resposta a P. P.

«Amei, mas hoje odeio».

C. M.

* * *

A' minha maninha NAIR.

As caricias de uma amiguinha verdadeiramente sincera, são densas perolas, que

só podem ser achadas na vasta extensão do oceano que se chama—existencia.

DALILA SILVA.

* * *

Ao O. N. de Souza.
O ciume é o furto da desconfiança.

J MONTEIRO

* * *

AUGUSTA.

O meu amor é tão intenso como intenso é o infinito. E' firme, é inabalavel!... «E qual parazita, que vive no tronco esteril do arvoredo!» Nem a respidez dos annos, nem a morosidade dos seculos o destruirá.

AGÁ

* * *

A' bôa amiguinha M. ELISA.

Quando o amor é irresistivel e verdadeiro, o osculo é a animação mais casta desse amor.

D. COSTA

* * *

A' inesquecivel JULIETA ROLLO.

A esperança é a estrella que, resplandecendo no firmamento, guia o ideal de um destino alegre e cheio de venturas.

D. COSTA

* * *

A ti...

Sei que me desprezas ingrato! Sei que zombas do amor que te consagro; mas mesmo assim eu te amo, e hei de amar-te emquanto me restar um sopro de vida, e na hora proxima da morte, em que minha alma estiver prestes a se separar do corpo meu ultimo suspiro será por ti, porque morrerei te amando.

ALEXINA SANTOS

* * *

A alguem...

O dia da minha partida approxima-se lentamente; só uma cousa te peço, que não me esqueças, assim como de ti nunca me esquecerei.

NERY

* * *

As amigas sinceras são como anjos que nos vem do céu para consolar e adoçar as amarguras da vida.

BIRIN

* * *

A' interessante ELIZINHA CARCIA.

Acceita este singelo pensamento.

A sympathia é a chave de ouro que abre todos os corações...

NENÉ RAMOS

* * *

A' E. J. R.

Quanta illusão! Nesta pequena palavra que encerra quatro lettras que nos chamamos... «Amor!!...»

HAROLDINA LINS

* * *

Inesquecivel SEBASTIÃO.

Quando vieste com tuas doces e meigas palavras fazer a primeira confissão não pensei que possuias esta setta: — «Ingratidão»—que fere mortalmente o coração que ama com sinceridade.

MYOSOTIS

* * *

Ao JUCA.

«Amor», como é tão linda esta palavra.

São raras as pessoas que sabem avaliar, principalmente os homens não dão valor a esta palavra.

ESTHER G.

* * *

A' inesquecivel amiga SYLVIA PALHA.

Como os dias estão correndo lindos para você querida Sylvia! Sei que estás navegando num mar de rosas!...

Tenho encontrado em ti a mais profunda affeição. Desejo que te conserves sempre assim.

Quando alguem abriu o teu pequenino coração encontrou escripto em letras encarnadas "Amo-te".

Não foi verdade, querida amiga?

C. MOURA

* * *

Ao meu querido paezinho.

A luz dos nossos olhos é o unico reflexo que illumina as profundas trevas de minh'alma e povoa a fria soledade do meu coração.

* * *

A' minha querida mãezinha.

Que maior felicidade podemos desejar do que sentir nos labios o calor dos beijos da nossa querida maezinha?...

AIDA P. MESQUITA

* * *

Ao inesquecivel HEITOR M. DE SOUZA.

Nada no mundo far-me-á esquecer a tua muito amada pessoa.

E's a grata recordação do meu desgraçado amor, da minha unica e verdadeira affeição que ainda possuo no meu coração.

Embora separados hoje pelo grande abysmo, quem sabe se ainda seremos felizes?

Da esquecida RUTH

* * *

Ao meu inesquecivel pae.

Saudade! Triste palavra que sôa sempre aos nossos ouvidos quando o nosso pensamento vôa ao Ignoto em procura do ente amado!

ALICE M. PEREIRA

* * *

A' quem me comprehende.

Se amar é loucura, Deus foi injusto por ter dado só ao homem a passividade de tal soffrimento.

VAESILDER PARIÁ

* * *

1 21 7 21 19 20 1

Possuil-a ainda um dia,
Seria viver em grandeza,
Elevar num valle de pureza
Um castello, é gosar harmonia...

AGÁ

Ruy Barbosa representa em pessoa a intellectualidade universal e na alma o pai dos brasileiros.

CARLOS BRANDÃO DA CUNHA

* * *

A' alguem

Ha dias soffri horrivelmente pella tua cruel ingratidão, no emtanto hoje me considero a creatura mais feliz de todo o universo pois tenho plena certeza que estou sendo verdadeiramente correspondida conforme mereço.

CICY

———

A' quem me entende...

O amor diminue as distancias, vence todos os obstaculos e faz se encontrarem no mesmo pensamento, dois entes que se adoram, dois corações que se estremecem.

ECLUD ARIERREL

* * *

A minha mãe

Se as lagrimas diaphanas vertidas quotidianamente por uma saudade fusca que nos extingue a existencia, se transformar-se em diamantes, eu teria um collar para ornar tua santa santa fronte, realçando mais a tua belleza indissoluvel.

ALFREDO GOULART ALVES

* * *

A' alguem.

Quando junto de ti me sento apreoio o teu perfil, a tua linda bocca, os teus pequeninos dentes de marfim.

E's a esperança dos meus sonhos. Quando estaes com as tuas lindas tranças enroladas sobre a cabeça pequenina. E's o anjo de minh'alma. Não sabes como te adoro ao verte assim !

CARLOS BRANDÃO DA CUNHA

* * *

Futuro revelado

Em resposta a J. C. L.

Serio, com o olhar fixo em mim, olhando-me com um desses olhados onde se lê nitidamente a epigraphe «Sinceridade«, imploravas a revelação do meu desejado futuro

Depois de teres percorrido tantos logares, após a fadiga da viagem ás «estradas que cruciam o coração», achaste quem te manifestasse o meu fururo ! ?...

O meu sorrir... o meu olhar !... Oh ! mas como elles te enganaram !..

Não acredites tanto, pois elles foram um pouco falsos !

Achas ruim o que desejo ? censuras o meu desejado futuro ? oh ! quanto és mal ! tão certo não o decifraste bem.

Affirmas que terei noutro modo de pensar mais escolhas, que serei, portanto mais feliz ? nada disso, porém, me convence!. . embora soffrendo obstaculos, quero, ambiciono o futuro feliz que me espera !...

Mas... como detestas a minha ambição, esta que dizes "que rebaixa e humilha" se eu verei mais tarde realizada, se conseguir "amar" áquelle a quem dedico verdadeira amizade, a ti ?

— O espirito da mulher tudo concebe, mas nada realiza — declaras isto terminantemente ? Pois eu contesto, e se Deus, a quem até hoje revelei o meu desejo, quizer, mostrar-te-ei então, o meu espirito fraco, espirito de mulher, como vence uma vez na vida !...

Cré em quem te quer sinceramente.

N. P. L

::::::::

IDEAL-MAGAZINE
O AMOR QUE PRENDE E ATRAHE
Para Atrahir Facilmente Dinheiro - Saude - Felicidade
Uzae os Accumuladores Mentaes
Concedem, de um modo pratico e em pouco tempo, dons irezistiveis para a cura de dores e doenças, desenvolvimento do poder psychico ou magnetico, transmissão do pensamento a distancia, hypnotismo, auto-sugestão; inspirar amor, concordia ou amizade; desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou quebranto; preservar de loucura, epilepsia, hysteria ou molestias nervozas; neutralizar os maus presagios; adivinhar, corrigir vicios; favorecer a sorte ou qualquer negocio; produzir, emfim, o bem-estar ou a felicidade em todos os sentidos. O medico, o sacerdote, o lavrador, o militar, o maritimo, o professor, o comerciante, o jurista, o financeiro, o empregado, o operario e mesmo qualquer senhora, lucrarão extraordinariamente com estes Accumuladores.
Um Accumulador sozinho dá rezultado; mas os dois (Ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, são muito mais eficazes para qualquer fim. Rezultados garantidos por notabilidades. Preço de cada um 35$000 rs. (dinheiro brazileiro), ou 55 francos. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções em portuguez. Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a
LAWRENCE & C.
45 — RUA DA ASSEMBLÉA — 45 — RIO DE JANEIRO-BRAZIL

Officinas graphicas d'*O Jockey*—General Camara, 298

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 11 A 16